

REVISTA

EDIÇÃO Nº 129 | MARÇO DE 2026

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

MÔNICA PALACIOS

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
E DICAS PARA LEITURA

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Foto: Mónica Palacios

6

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM MÓNICA PALACIOS

Argentina de origem e brasileira por escolha, Mónica Palacios construiu uma trajetória literária e acadêmica marcada pelo diálogo entre culturas e línguas [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: @conexaoliteratura
Instagram: @revistaconexaoliteratura
Youtube: @conexaonerd



E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Exclusivo: Mónica Palacios, pág. 06

O Encontro (Contém altas doses de rotina), por Marcos Carneiro, pág. 16

Poema: Verbos Alinhavados, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 19

Poema: A excelência do servir, por Clarissa Machado, pág. 22

Poema: Ah, mulher!, por Sellma Luanny, pág. 27

Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny, pág. 30

Dicas para leitura, pág. 34

Poema: Por certo..., por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 36

Raros paladares textuais: a aplicação do texto de sabor em uma aula de Língua Portuguesa, por Pedro Panhoca, pág. 40

Trovas heráldicas da Sereia, por Flavio Joppert, pág. 47

Poema: Grito da alma da terra, por Raul Schaefer Filho, pág. 55

Poema: Onde o saber floresce, por Adriano Rosa da Silva, pág. 57

Poema: A semana, por Bem-te-vi mensageiro, pág. 61

Conto: O estúpido, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 74

Conto: Mulher, por Idicampos, pág. 80

Conto: A Manticora de Groi, por Ney Alencar, pág. 83

Conto: A muleta de Abigail, por Ivana T. Souza, pág. 86

Conto: Navalha na carne, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 94

Conto: A importância de seguir as orientações médicas, por Ataíde Menezes, pág. 99

Conto: Era uma vez um Chapéu-de-Sol, por Roberto Schima, pág. 103

Conto: Ophidium, por Valéria Guerra Reiter, pág. 118

Mídia Kit, pág. 127

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 128

EDITORIAL

Caros leitores,

Março chega com a força renovadora da literatura que atravessa fronteiras e conecta culturas. Nesta edição da Revista Conexão Literatura, temos a alegria de trazer na capa uma entrevista exclusiva com Mónica Palacios, autora que traduz em palavras a riqueza de sua trajetória entre Argentina e Brasil. Argentina de origem e brasileira por escolha, Mónica construiu um caminho sólido no meio acadêmico e literário, unindo pesquisa e sensibilidade criativa. Mestre em Literatura pela USP e doutoranda em Literatura Infantil e Juvenil, ela transita com naturalidade entre o ensino, a produção didática e a escrita que dialoga com leitores de todas as idades. Sua obra revela um olhar delicado sobre as emoções e a magia do cotidiano, aproximando espiritualidade e criação literária. Com livros publicados, participação em antologias e presença constante em revistas, sua voz ecoa com autenticidade.

Agradeço imensamente a você, leitor, que acompanha e fortalece nosso trabalho, e aos autores participantes desta edição, que fazem da Conexão Literatura um verdadeiro sucesso.

Para saber como participar da nossa edição de abril/2026, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado



Fátima Cordeiro

literaturaacreana.blogspot.com
e-mail: mendescor2@gmail.com



Jaff Silva

Youtube: @Jaffkamphorst
Instagram: @jaffkamphorst

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui

"[...] interessante essa variedade de produção que revistas como Conexão Literatura lhes oferece e motiva a 'navegar' por outras culturas. "

Mónica Palacios

Argentina de origem e brasileira por escolha, Mónica Palacios construiu uma trajetória literária e acadêmica marcada pelo diálogo entre culturas e línguas.

Mestre em Literatura pela USP e doutoranda em Literatura Infantil e Juvenil, ela transita com naturalidade entre o ensino do espanhol, a produção de material didático e a escrita literária. Sua obra, voltada tanto ao público infantil quanto ao adulto, revela um olhar atento às emoções e à magia que habita o cotidiano. Com livros publicados, participação em antologias e presença constante em revistas literárias, Mónica segue unindo pesquisa, espiritualidade e criação literária.

Revista Conexão Literatura



ENTRE PALAVRAS E TRAVESSIAS:

A LITERATURA SENSÍVEL DE MÔNICA PALACIOS

SUA VIVÊNCIA INTERCULTURAL É UM DOS PILARES DE SUA IDENTIDADE LITERÁRIA

Mônica afirma sentir e se emocionar tanto em espanhol quanto em português, o que confere à sua escrita uma densidade sensível e plural. Mais do que bandeiras, o que move sua produção são as experiências, as lembranças e as emoções vividas intensamente.



Essa entrega absoluta à experiência humana se reflete em textos que não conhecem superficialidade: há sempre intensidade, reflexão e verdade emocional. O marco acadêmico de seu mestrado, ao comparar as obras de Matilde Rosa Araújo e Marina Colasanti, revelou-lhe algo essencial: o fascínio pela PALAVRA.

A consciência de que diferentes olhares podem abordar temas semelhantes, desde que sustentados por escolhas vocabulares precisas, consolidou em Mônica a convicção de que a literatura é, antes de tudo, uma arte de escolha. Essa percepção ecoa em seus livros, nos quais a linguagem é trabalhada.

MÔNICA PERMITE QUE SEU ESTILO SE DESENVOLVA ORGANICAMENTE

Na literatura infantil, Mônica aborda medos, imaginação e autoconhecimento com um olhar atento ao universo emocional da infância. Inspirada pela observação dos netos, de amigos e das próprias memórias, ela reconhece que as angústias e descobertas infantis são experiências universais. Seus livros acolhem essas emoções, transformando

dúvidas e receios em narrativas que “acariciam” a alma do leitor. Há sempre uma dimensão mágica em suas histórias, mas uma magia que nasce do cotidiano, das pequenas travessias internas que cada criança realiza ao crescer. Já em *Crônicas da presença*, sua escrita assume um tom mais reflexivo e contemplativo. A obra reúne textos que estavam guardados, aguardando o momento certo de vir à luz.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Entre suas publicações, destaca-se também *O mistério de Merzouga*, obra que ganhou edição em espanhol na Argentina, ampliando seu alcance para além do Brasil. Esse passo reforça um de seus sonhos: consolidar uma produção bilíngue que dialogue com leitores de toda a América Latina. A tradução de sua literatura infantojuvenil representa, para ela, não apenas expansão editorial, mas a continuidade natural de sua identidade atravessada por duas línguas e múltiplas culturas.

A experiência como professora e coordenadora de cursos de espanhol, acumulada ao longo de mais de quatro décadas, influencia sua visão de mundo e, indiretamente, sua literatura. O contato com diferentes perfis de alunos e realidades diversas amplia seu repertório humano. Além disso, sua atuação resultou na criação de um método próprio de ensino, focado na conversação e na autonomia do aprendiz — um trabalho que revela a mesma sensibilidade presente em seus livros: escuta atenta, respeito ao ritmo individual e incentivo à descoberta.

Outro elemento fundamental em sua trajetória é a espiritualidade. A meditação e as viagens formam, segundo a própria autora, uma trilogia essencial que sustenta e recria sua alma. Essa dimensão espiritual não aparece de maneira doutrinária em seus textos, mas como atmosfera: uma escrita que busca o *Kairós* — o

Tempo da experiência interior — mais do que o *Kronos*, o tempo cronológico. Para Mónica, a literatura não tem idade; ela se incorpora à alma do leitor quando encontra espaço e abertura, independentemente do momento da vida.

Sua participação em antologias e revistas literárias também demonstra compromisso com o coletivo. Para ela, esses espaços são oportunidades de aprendizado, troca e ampliação de horizontes culturais. Ao dialogar com outros autores, Mónica reforça a ideia de que a literatura contemporânea se constrói em rede, em travessias compartilhadas.

Com novos projetos a caminho — incluindo um livro infantil prestes a ser publicado e outro em fase de intensa pesquisa —, Mónica Palacios segue fiel à intensidade que a define. Sonha com novas traduções, com maior circulação internacional e com a publicação de materiais didáticos que consolidem sua proposta inovadora no ensino do espanhol.

Entre letras, infâncias e travessias, Mónica construiu uma obra que celebra a emoção, a palavra precisa e a vivência plena. Sua literatura é convite: a sentir sem reservas, a olhar o cotidiano com encantamento e a permitir que a magia — discreta, porém profunda — habite cada leitor.

“Sua participação em antologias e revistas literárias também demonstra compromisso com o coletivo.”

ENTREVISTA

Revista Conexão Literatura: Sua formação acadêmica transita entre a Argentina e o Brasil. Como essa vivência intercultural influenciou sua escrita e sua visão de literatura?

Mónica Palacios: Somos a soma do ouvido e do vivido; portanto, minhas escolhas são embebidas por toda a minha trajetória.

Sinto em espanhol e me emociono em espanhol e em português. Não identifico bandeiras, mas vivências, lembranças, emoções e amores. Estou sempre atenta e aberta a vivenciar, até a última instância, cada oportunidade e situação. Não consigo viver pela metade. Sou leonina, intensa, e assim pretendo continuar compartilhando minhas emoções e sentimentos.

Revista Conexão Literatura: O mestrado em Literatura Infantil Comparada, com foco em Matilde Rosa Araújo e Marina Colasanti, foi um marco em sua trajetória. O que mais a encantou nesse diálogo entre as duas autoras?

Mónica Palacios: Nessa proposta descobri meu fascínio, respeito e admiração pela PALAVRA. Como podemos observar a vida a partir de diferentes olhares, e tudo isso transmitido de maneira magistral

quando optamos pela escolha adequada da palavra.

Ou seja, Marina, com sua magia e encantamento, e Matilde, com sua visão da educação, enfocaram temas quase idênticos, com palavras precisas, embora diferentes.

Revista Conexão Literatura: Você escreve tanto para crianças quanto para adultos. Como percebe as diferenças e os desafios entre esses dois universos literários?

Mónica Palacios: Os dois universos literários surgem em minha alma



Mónica Palacios - Foto divulgação

“

A LITERATURA ABRE CAMINHOS PELO
*KAIRÓS NA ALMA DO LEITOR E PODE
ENVOLVÊ-LO, FASCINÁ-LO, DELEITÁ-LO,
INDEPENDENTEMENTE DA IDADE.

MÓNICA PALACIOS

Kairós é o tempo da experiência, da intensidade e da oportunidade.

conforme o momento e as circunstâncias; assim, o tema “aparece”. Uma reflexão óbvia me leva a encaminhá-lo para crianças ou adultos. Depois, o processo de criação me orienta para uma adequação literária e, modestamente, tento chegar à meta.

Mas preciso confessar que, naturalmente, a partir de certa idade, acredito que a literatura é uma magia que se incorpora à alma do leitor sem Kronos. A literatura abre caminhos pelo Kairós na alma do leitor e pode envolvê-lo, fasciná-lo, deleitá-lo, independentemente da idade.

Revista Conexão Literatura: Seus livros infantis abordam temas como medos, imaginação e autoconhecimento. De onde nasce essa preocupação com o universo emocional da infância?

Mónica Palacios: Observando meus netos e amigos. E acredito também que todos nós passamos por essas etapas e, com mais ou menos leveza, tivemos essas angústias, emoções, dúvidas e intrigas. A vida, seguramente, vai “acariciando” esses sinais, que acabam se transformando apenas em originais anedotas quando chegamos à idade adulta.

Filmes também me inspiram e, mesmo sendo apresentados em

contextos diferentes, mostram que essas emoções são universais.

Revista Conexão Literatura: A obra Crônicas da presença traz um olhar mais reflexivo e maduro. O que motivou essa escrita voltada ao público adulto?

Mónica Palacios: Seguramente, após ter participado de alguns grupos de escrita e ter sido motivada, caminhei nessa direção. Selecionei muitas crônicas que estavam “engavetadas” e aguardavam o sinal verde para surgir. São pequenas e sintéticas reflexões sobre diferentes situações, objetos e emoções que vivenciamos e que tomam forma gradualmente.

Curiosamente, meus contos, ultimamente, estão no limite entre conto e crônica. Não pretendo me “autopodar”, porque pode ser um estilo que está sendo gestado e que só preciso lapidar minuciosamente até ganhar vida própria.

Revista Conexão Literatura: Sua experiência como professora e coordenadora de cursos de espanhol influencia diretamente sua produção literária?

Mónica Palacios: Às vezes. São mundos diferentes que aciono eventualmente. Conhecer pessoas tão diversas, com vidas ricas e realidades distintas da brasileira,



Foto divulgação

emociona-me e, quando a emoção está potencializada, a inspiração costuma aflorar.

Seguramente sem rótulos, mas com muita intensidade. A gente abre asas e o horizonte torna-se muito convidativo.

Revista Conexão Literatura: Após a publicação do Curso de Espanhol para Brasileiros, você desenvolveu um método próprio de ensino. Como foi esse processo de criação?

Mónica Palacios: São mais de 40 anos circulando por todas as etapas educacionais: empresariais, escolas técnicas, exército. Sempre com um olhar atento aos resultados, avanços e retrocessos. Atualmente,

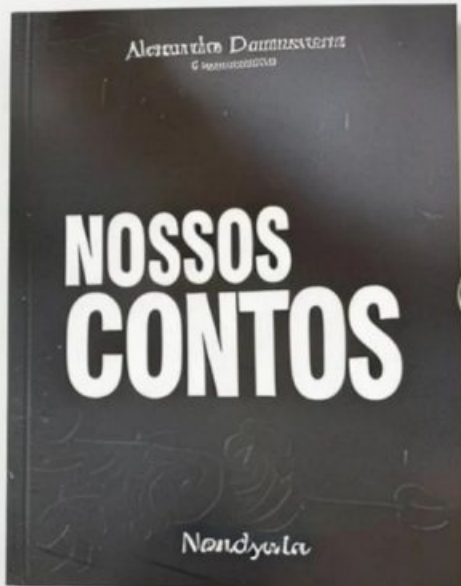
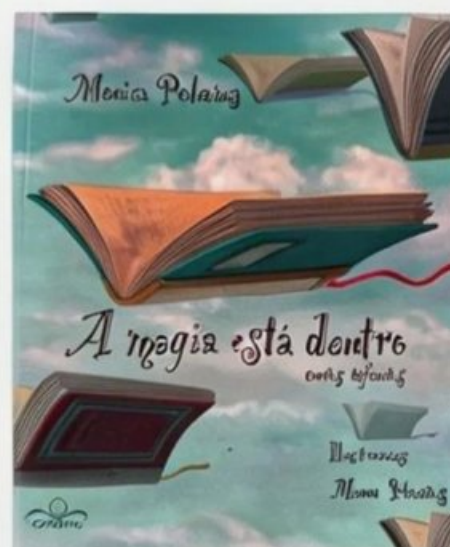
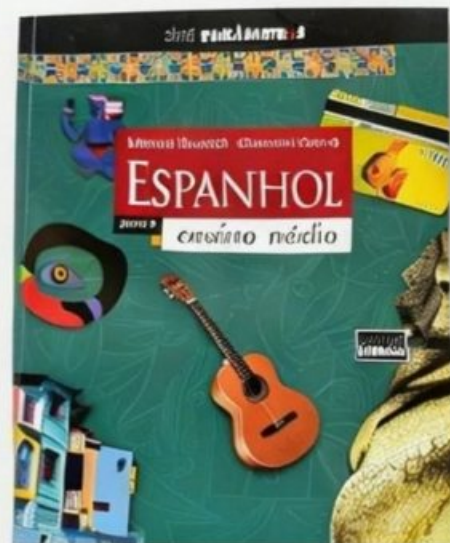
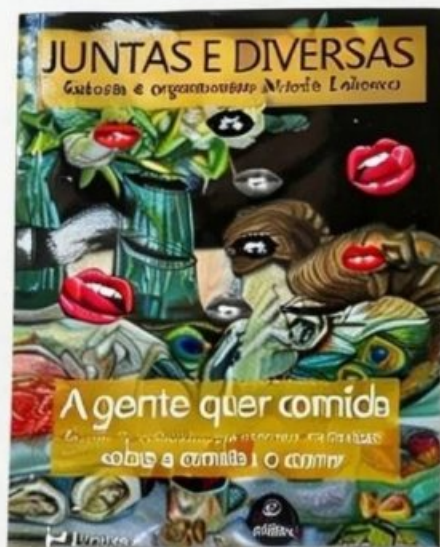
sinto uma satisfação enorme. Posso garantir que o resultado tem sido extremamente gratificante.

O dinamismo e a atenção ao perfil de cada aluno fazem com que eles se “descubram” pensando na língua e, assim, aprendam com mais eficiência e rapidez. Ou seja, passam a pensar na língua.

Posso assegurar que ouvir que leem autores consagrados da literatura espanhola e latino-americana, que aceitam o desafio de “conferenciar” na língua, é uma satisfação imensa e renova em mim o desejo de insistir e continuar desenvolvendo meu projeto.

Revista Conexão Literatura: Você participa ativamente de antologias

ALGUMAS DAS OBRAS DE MÓNICA PALACIOS



e revistas literárias. Qual a importância desses espaços coletivos para a literatura contemporânea?

Mónica Palacios: A resposta é complexa. Para mim, é uma forma de me apresentar ao público, de aprender com outros colegas e de conhecer materiais magníficos.

Para o público, desejo que seja interessante essa variedade de produção que revistas como a Conexão Literatura oferecem e que motive os leitores a “navegar” por outras culturas.

Revista Conexão Literatura: A espiritualidade, a meditação e as viagens fazem parte da sua vida. De que forma esses elementos dialogam com sua escrita?

Mónica Palacios: Cada um desses elementos alimenta, sustenta e recria minha alma de maneira muito intensa. São fundamentais, vitais e essenciais para o dia a dia.

Não me imagino sem essa trilogia que preservo e agradeço, e que faz de mim alguém que vive intensamente, sem meios-termos, sem sombras nem meias palavras. Tudo é vivido, sentido e sonhado no grau máximo, porque, além do mais, sou leonina (risos).

Revista Conexão Literatura: Quais projetos literários ou acadêmicos

estão no seu horizonte e o que os leitores podem esperar dos seus próximos passos?

Mónica Palacios: Na área literária, tenho um livro infantil a ser publicado brevemente e outro em construção que, devido à necessidade de uma pesquisa intensa para abordar a temática com base ficcional, mas também com certo tecnicismo, imagino que só estará à disposição das editoras no segundo semestre.

Sonho com uma produção bilingue que me abra portas na América Latina. Até agora, apenas O mistério de Merzouga foi lançado também em espanhol, na Argentina. Ou seja, a possibilidade de traduzir minha produção infantojuvenil é uma luz – um desejo – no final de um curto túnel.

Quanto ao ensino de espanhol, ficaria imensamente feliz se conseguisse uma editora interessada em publicar o material criado como suporte para aulas de nível intermediário e avançado, com foco na conversação. Não existe material com essas características e, o melhor, ele apresenta excelentes resultados.

Gratidão.



3ª EDIÇÃO

PRATA
DA CASA



CASA BRASILEIRA
DE LIVROS

RS\$ 75.000,00
EM PRÊMIOS

INSCRIÇÕES ABERTAS!

POEMA • CONTO • CRÔNICA

CATEGORIA ESPECIAL:
MICROCONTO

WWW.CASABRASILEIRADELIVROS.COM/PRATA-DA-CASA-2026

POR MARCOS CARNEIRO

O ENCONTRO

(CONTÉM ALTAS DOSES DE ROTINA)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Voltei pra visitar minha família. Já morava em outra cidade há algum tempo, mas ia pelo menos três vezes ao ano até Palmas, aquela terra quente, construída numa planície cercada de um lado pela Serra da Cangalha e do outro por um lago com status de mar.

Ao chegar em casa, lá estavam minha mãe e minha sobrinha de uns 3 anos. Naquela época, minha mãe ainda tinha as lembranças frescas e a personalidade docemente pragmática de sempre.

Era uma daquelas tardes de outubro, em que o calor e a secura do cerrado desafiavam nosso corpo e a paciência. Cheguei, deixei minhas coisas no quarto e fui pra varanda de casa que dava para um jardim milimetricamente cuidado e podado por Dona Francisca. Nos sentamos em cadeiras, sob o olhar atento e o silêncio de Maria, a sobrinha, arisca à minha presença, mas curiosa ao ponto de não nos deixar.

Um adendo importante. Era 2019, e todos nós não imaginávamos que meses depois uma pandemia abriria um hiato de anos em nossos encontros, contato, abraços.

De cara, minha mãe me perguntou que livro eu tinha lido e trazido pra ela, no caso, para o crivo dela. Como professora de literatura aposentada, ela só havia deixado a sala de aula, mas não a curiosidade por narrativas, em especial as que eu escolhia pra mim. E se ela já não era mais professora da porta de casa pra rua, pra mim, ela continuava a ser a exigente amante de Nelson Rodrigues e Eça de Queiroz e me cobrava a mesma disciplina de quando eu tinha 11 anos e fazia resenhas dos românticos, parnasianos, barrocos, modernistas. Tudo pra conseguir sua aprovação. O que antes era obrigação escolar virou desafio familiar. "Eu vou agradecer essa mulher".

Quanto mais ela me cobrava, mais eu queria mostrar ou provar. Não sei qual complexo Freud classificaria essa relação que ultrapassava a convencional mãe e filho, e se estabeleceu como mestre e pupilo. A obsessão por agradar intelectualmente minha mãe era tamanha que eu conseguia decifrar até o movimento do seu olhar julgador para o bem e para o mal, que podia me jogar nas nuvens com a mesma intensidade que me quebrava ao menor sinal de decepção.

Se os meninos queriam ser fortes e viris como os pais, eu queria ser inteligente e sagaz como a minha mãe. Ela lia tudo. De uma revista Claudia a uma edição de Erasmo de Roterdã. E esse hábito de trazer minhas últimas leituras pra ela, era como um elo com aquele passado de, eu acho, avaliação do filho no qual ela investiu seu tempo e seu conhecimento, porque amor e carinho, isso ela não precisava se esforçar ou planejar.

Levei um livro do Zeca Baleiro (não vou lembrar o nome agora). Entre conversas de como estava a vida, reclamações sobre as noras, histórias da neta, ela começou a ler o livro em voz alta. Ela lia cada página, interpretando personagens e dando veracidade na voz, como que me fazendo enxergar uma história por um outro viés. Sua leitura era hipnotizante. Nada didática, muito intimidadora. Aquela mãe só eu conhecia. Não era a figura de comercial de margarina q ela representava para os meus irmãos. Mas também não era um arquétipo narcisista pra mim. Muito pelo contrário.

A maternidade pode ser entendida por vários vieses. Pode ser cuidado, mimo, formação, obrigação. Não vou saber aqui explicar a minha, mas me desafiava. E é Incrível como, mesmo aos quase 40 anos, eu ainda ficava ansioso na iminência de um debate literário com minha mãe. Era o espelho mais difícil de encarar.

De repente, ela fecha o livro do Zeca, e me traz de volta dessa funfic lacaniana, e me solta:

— Você ainda lê Jane Austen?

Me peguei em mil teorias de charadas que aquela pergunta continha. Afinal, o que a autora que a minha mãe mais me censurava tinha a ver com o Zeca, com a neta, com Palmas?

Minha mãe tinha uma cisma com a pobre da Jane Austen porque achava que seus livros eram água com açúcar demais e as heroínas de suas histórias, donzelas à espera ou em disputa por algum nobre inglês. Para um menino gay, no interior do Maranhão, imaginar um Mr. Darcy, tal qual em *Orgulho e Preconceito* era um tesão literário para além da compreensão dela.

Eu respondi que não lia há muitos anos, mas que continuava defensor da inglesa Jane e suas heroínas pré-vitorianas.

Imaginando que ali começaria um armagedon literário bem aos tempos da minha adolescência, quando o embate era a relevância entre a Engraçadinha, do Nelson, e a Elizabeth Benet, da Jane, minha mãe se levantou, se demorou um pouco dentro de casa, seguida pela neta, e voltou com uma edição, já gasta, de *Mrs Dalloway*, de Virginia Woolf, e em inglês, porque é claro que ela iria dificultar, até no presente.

Era uma aquisição que ela tinha feito num sebo na última viagem fez, e guardou até que eu a encontrasse pessoalmente. Na dedicatória: "Nem Jane, nem Nelson. Apenas Virginia".

Foi o último livro que ganhei da minha mãe.

Foi a primeira vez que eu senti o desejo de ser o autor das histórias que, hoje, eu leio pra ela.

Veio a pandemia, o Alzheimer e as minhas (nossas) memórias.

Ah, e a minha sobrinha, hoje, fala... e muito.



Marcos Carneiro é maranhense, jornalista e canhoto. O resto é elogio ou mentira.

VERBOS

Por Mirian Menezes de Oliveira

ALINHAVADOS

Amar a vida;
querer a morte...

Jogar sementes;
varrer os cacos...

Lutar por causas;
morrer em vida...

Dançar na chuva;
fugir de enchentes...

Rir sem causa;
chorar sem dó...

Alinhavar as dores;
costurar a vida...

Conjugar...
Reescrever...
Emergir...

Na poética da sobrevivência,
em todas as conjugações, resistir!

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

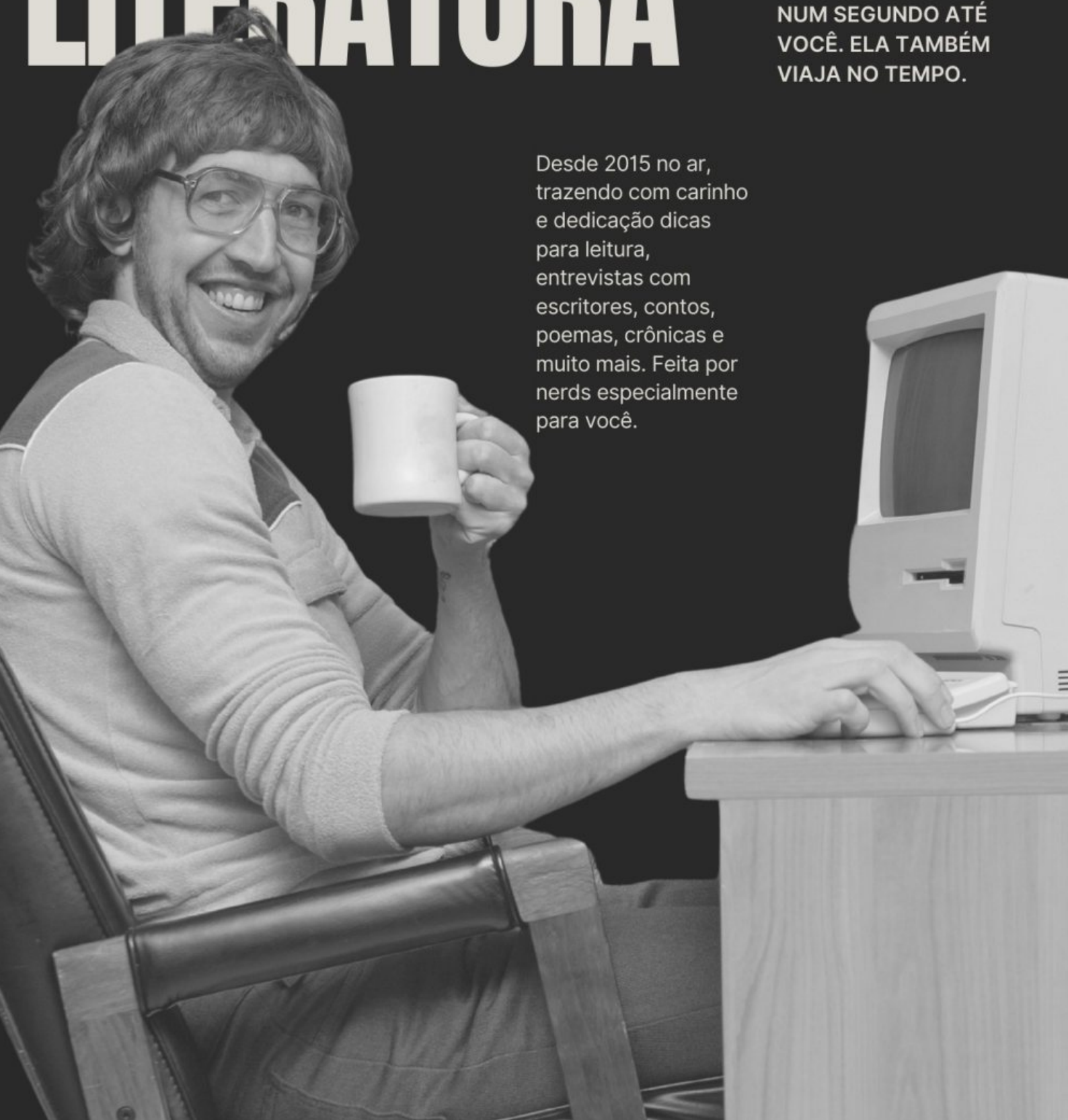
ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ
VOCÊ. ELA TAMBÉM
VIAJA NO TEMPO.

Desde 2015 no ar,
trazendo com carinho
e dedicação dicas
para leitura,
entrevistas com
escritores, contos,
poemas, crônicas e
muito mais. Feita por
nerds especialmente
para você.





A EXCELÊNCIA DO

SERVIR

POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Literaturas Brasileira e Inglesa, e Neurociências da Educação. Autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço", "São Lourenço, Cidade da Gente", "Buen(os) Aire(s)" e "A Voz de Nhá Chica", é Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário e da Cultura de Paz.



{Assim
Nos ensinam
Os sábios
Mais sábios...}

Não atire pedras
Plante flores
Não pise nos sonhos
Regue as sementes.

Não jogue lama
Jogue luz
Não critique
Auxilie.

Não espalhe frustrações
Lance esperanças
Não destrua ideias
Invista nelas.

Não se omita
Prontifique-se
Não exclua
Adote.

Não vire as costas
Acolha com amor
Não xingue
Abrace.

Não seja negativo
Pense positivo
Não humilhe
Conscientize.

Não ofenda
Oriente
Não brigue
Medie.

Não odeie
Compreenda
Não promova discórdia
Promova união.

Não aponte erros
Motive melhorias
Não julgue condutas
Encoraje atitudes corretas.

Não faça comparativos
Faça apenas o seu melhor
Não puxe o tapete
Puxe aplausos.

Não estimule desistências
Estimule aprimoramentos
Não se preocupe com o que os
outros pensam,
E sim, com o que você e Deus
pensam.

Cuide dos pensamentos
Para que sejam bons -
Sorria e seja
Gentil.

Cuide dos sentimentos
Para que sejam bons -
Sorria e seja
Doce.

Aonde quer que entre
Leve a paz
Aonde quer que vá
Leve alegria.

Seja agradecido
E misericordioso,
Sempre afetuoso
E abençoador.

Seja justo
E bem-aventurado,
Seja sempre
O sal da terra.

Sua vida é
Sua obra,
Sua história é
Seu legado.



No dia bom:
Seja parceiro.
No dia mau:
Seja o ombro amigo.

Sirva acima de tudo
E de suas restrições
Porque é servindo ao próximo
Que servimos ao universo.

Sirva acima de tudo
E de suas limitações
Porque é servindo ao outro
Que servimos ao Criador.

A poesia do servir está
Em cumprir o divino plano
De amar-nos uns aos outros
Como a nós mesmos.

*{Assim
Nos ensinam
Os sábios
Mais sábios...}*



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. XIII

E-BOOK

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME XIII

Ademir Pascale
organizador

"Instantes que se tornam
eternos."

Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui

@revistaconexaoliteratura

POR SELLMA LUANNY

Ah, Mulher!

*Um dia para refletir, celebrar
e seguir lutando.*



O que dizer além do óbvio?...

Que és mãe de todos...
da criança, do jovem e do adulto...
Que és suporte e incentivo...
e nunca quebras mesmo descaída...
Que és coração e razão...
num equilíbrio que não desiste...
Que és raiz, tronco e copa...
frutos perenes e dadivosos...
Que és da vida, o útero
a mama e o caloroso colo...
Que és ouvido com sabedoria...
nas falhas e sucessos...
Que és eternamente referência...
mesmo na lembrança sem presença...
Que nunca falhaste na sombria noite
quando quase tudo foi-te tirado...
menos os teus protetores braços...

O que mais dizer além do óbvio?...
Que mesmo quando não reconhecida
tu és amor sem limites?

Nota de Rodapé: poema pelo Dia Internacional da Mulher.

Sobre Sellma Luanny: a autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



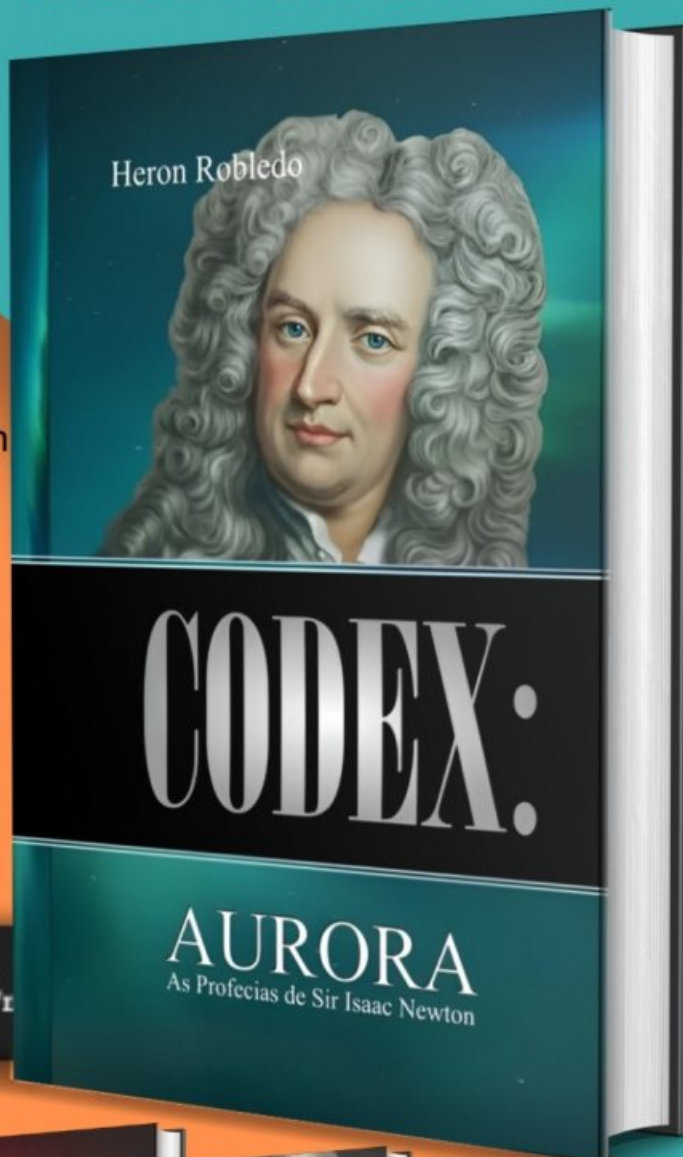


O engenheiro de software que desvendou as *profecias* de **Sir Isaac Newton**

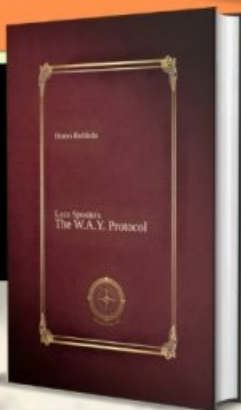
A mídia sensacionalista está
espalhando por aí que Isaac Newton
previu o fim do mundo em 2060.
Procuraram no lugar errado.

Heron Robledo criou um algoritmo
para rastrear a obra PRINCIPIA
MATHEMATICA, encontrou as
evidências e conta tudo em
CODEX: AURORA.

$$L = \left\lfloor \frac{P - P_{\min}}{P_{\max} - P_{\min}} \times (L_{\max} - L_{\min}) \right\rfloor$$



Só quem
conhece IA sabe
contar histórias
sobre ela.



heronrobledo.com

amazon



O Não Saber

Por Sellma Luanny

Já voam... pela falta do dourado solar... discreta graciosidade. Perturba a minha visão, - relativamente protegida -, o cinzento. E no coração e na mente, dói-me.

Mas elas não sabem do perigo, mentalmente - talvez - mas com certeza o sentem... das suaves penas aos delicados ossos... biologicamente o peso do viver nestes difíceis tempos.

E na sua diária azáfama continuam... qualquer ar e fonte enfrentam... a preservação direciona suas vidas. "Antropocênicos" tempos, quando não ter noção... é continuar... é "existir".





Numa Baça Manhã

Por Sellma Luanny

Ativas, na busca
do que precisam
já voam.
Sobre baça água...
sob opacos céus...
vão e voltam.

No voo, seguem...
e retornam... Na
sua fragilidade,
forças naturais.
Sobre as águas
a determinação.

A sua beleza
com a hora,
a contrastar.
A brancura das penas
sobre o monocromático...
é de dar pena!





Imersas Na Poluição

Por Sellma Luanny

Quisera ver imersa em áurea luz
o seu alado alvor... Mas não!
Num insalubre ar elevam-se e partem.
Instintivamente, labutam... e não só...
na busca diária por alimento...
o sobreviver é a continuidade!

Pelo seu amanhã, em meio
a tanta impureza... incansáveis!
Ao abrir as minhas cortinas
- não janelas - resguardada, estou.
Dourada aurora quisera, mas só
vejo o cinzento cortinado... de fora.





Não É Por Mim

Por Sellma Luanny

A cada dia, são menos por aqui.
Voam para novas fontes, além.
Escassez de alimento, as limita.
As poucas que aparecem
não o fazem para mim...

O meu olhar não lhes diz nada...
dele nem se dão conta... sei-o.
Mas, a sua presença, mesmo em
pequeno número, distrai-me
do sentir penosas ausências.

E distintamente, por agora
só uma vejo... no cumprir da sua
genuína e solitária missão.



SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias — em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nota de rodapé: Décima parte da série
GARÇAS BRANCAS E EU - partes a serem
publicadas mensalmente nesta revista.



DICAS PARA LEITURA

Edição de Março



“
POEMAS
CONTEMPORÂNEOS - VOL.
VII, REÚNE TEXTOS DE
ALGUNS DOS MELHORES
AUTORES NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR
PASCALE. O E-BOOK É
GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE
DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

“
TECENDO POEMAS - VOL.X,
COM ORGANIZAÇÃO DO
EDITOR E ESCRITOR ADEMIR
PASCALE, É UM E-BOOK
GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE
DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

@revistaconexaoliteratura

An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, there are tall bookshelves filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO

POR CERTO...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

E "Ele" lá se vai
Bem feliz sem dizer adeus
Convicto no retorno ao novo amanhecer
Sabedor da mesma euforia em que voltará
Por certo, no início, no mesmo lugar
Em contraste ao ponto em que nos abandonou

Na crônica, agora, a alegria pelo Luar que retornou
Com sua Lua crescente para sobre nós repousar
Por certeza, em cada ponto, mostrará
A beleza do amor em novo viver
Naqueles momentos chamados filhos teus
E, astuta, a maravilha da alma do amor, novamente sobressai
No cenário, flutuando no mar de Estrelas, cada uma mais feliz
Cintilando, como protagonista da rara atriz
Em ajuda, a brisa viaja suave tão refrescante
Com o balsamo, em meu interior, da bela amante
De súbito, o amor antes choroso, ao avesso sua beleza atrai
Quando, por certo, "Ele" então lá se vai

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo com Poemas, mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE e ESCREVER FLORBELA ESPANCA.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, um outro com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguiram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_ e-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote divulgação para escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CANAL CONEXÃO NERD

1 MINUTO DE TERROR

COM

ADEMIR PASCALE



Ademir Pascale

Clique e assista ao
primeiro vídeo da série



www.youtube.com/conexaonerd

RAROS PALADARES TEXTUAIS: A APLICAÇÃO DO TEXTO DE SABOR EM UMA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

POR PEDRO PANHOCA DA SILVA
(FATEC/JACAREÍ)



IMAGEM MERAMENTE ILUSTRATIVA

@revistaconexaoliteratura

Card games, mais especificamente *collectible card games* ou *trading card games*, por vezes possuem ligação com as artes. Mais conhecidos como CCG ou TCG, eles são conjuntos de cartas de baralho ilustradas que têm como característica, além de obviamente proporcionar ao jogador o próprio ato de jogar algo, funcionar como colecionismo e, para tal prática, podem exigir trocas de cartas ou maior gasto financeiro para tal. Isso mostra por que esses termos, por vezes, se confundem, já que a troca de cartas entre os jogadores (*trading*) pode acelerá-los a completar suas coleções (*collectible*).

O presente texto busca mostrar como trabalhar com CCG/TCG em sala de aula pôde ser um proveitoso e criativo exercício de escrita criativa. A atividade foi aplicada em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II numa escola privada no município de Americana/SP no ano de 2024, utilizando cartas do jogo *Magic: the Gathering* (1993).

O intuito pedagógico dessa atividade foi criar/atualizar os textos de sabor de algumas cartas de baralho desses jogos. Do inglês *flavor text*, trata-se de um excerto muito parecido com a epígrafe, que após ser retirado de seu contexto original é ressignificado em seu novo espaço (um *card*). Esse pequeno texto, por vezes uma frase, alguns versos poéticos, um aforismo ou uma citação, não tem influência direta sobre a mecânica do jogo em si. No entanto, como o próprio nome diz, dá um “gostinho”, uma ideia do que está por vir e de como a carta funciona.

O SABOR ÀS CARTAS: A CRIAÇÃO DOS TEXTOS

Textos de sabor, quando empregados em cartas, se dividem em duas categorias: provenientes do próprio enredo do jogo ou provenientes do “mundo real” (retirados de um texto literário, letra de música, fala de filme etc.). A atividade aplicada consistiu em trocar o 1º tipo de texto de sabor pelo 2º, mantendo a coerência com seu novo lugar. Havia cartas sem texto de sabor algum, mas elas não despertaram o interesse dos alunos, possivelmente pela insegurança de realizar uma produção textual inédita.

Em um bimestre do ano letivo da turma do 8º ano em questão, trabalhamos com dois tipos específicos de poema: o *haikai* e o *senryu*. Após muito se comentar sobre as “regras” de composição para ambas formas, lemos e analisamos alguns poemas de Matsuo Bashô (1644-1694) do livro *Trilha estreita ao confim* (1997). Em segundo momento, foram distribuídas cartas de *Magic: the Gathering* para cada aluno, ou sem texto de sabor algum ou com texto de sabor do próprio jogo. Mesmo desconhecendo totalmente esse jogo, os alunos deveriam produzir seus próprios *haikais/senryus* relacionados a, pelo menos, uma (imagem de) carta.



Eis um exemplo:

Figura 1: carta *Talidia Necroflorescente*, da coleção *Core set 2021*



Fonte: Ligamagic

Um aluno que escolheu a carta acima buscou mudar o texto de sabor original (“A natureza não é sempre suave, nem gentil, mas toda vida gera vida. / — Marwyn de Llanowar”) por um *senryu* de própria autoria: “A natureza é linda / tudo que é criado / faz parte de uma vida”. A métrica clássica (1º, 2º e 3º versos com 5, 7 e 5 sílabas poéticas, respectivamente) não foi exigida nesse momento, mas sim a criação em três versos apenas.

Questionado sobre o conteúdo produzido em seu poema, o aluno argumentou que a talídia (uma criatura do jogo do tipo fungo), assim como o organismo eucariótico, pode proliferar ou até mesmo, de forma mais simplória, “morrer” e dar a vida para outro ser (no contexto do jogo, a talídia morre e origina um saprófita, organismo que se alimenta de matéria orgânica morta ou em decomposição) visto que devolve seus nutrientes ao solo e alimenta o novo ser vivo.

O 1º verso atesta e reconhece a beleza da vida natural. Apesar da aparência macabra da talídia da carta, o fenômeno da vida, especialmente a biólogos, é belo por si só. Na literatura, Charles Baudelaire (1821-1867), Cruz e Sousa (1861-1898), Augusto dos Anjos (1884-1914) são só alguns exemplos de poetas que optaram por encontrar a beleza no grotesco e no feio. Os 2º e 3º versos mostram o ciclo da vida: algo morre (talídia) para algo nascer (saprófita), o que acontece exatamente com a criatura da carta selecionada.

Outras produções de *senryus* e *haikais* também foram feitas pelos alunos:

Tabela 1: Comparativo entre texto de sabor original e criações poéticas

NOME DA CARTA	COLEÇÃO	TEXTO DE SABOR ORIGINAL	CRIAÇÃO DISCENTE
Palavras aladas	<i>Core set 2020</i>	A magia escrita nos céus cai como a chuva no solo sedento, trazendo a sabedoria a seu tempo	O poder tá nas nuvens Junto com a sabedoria Enquanto cai sobre o solo
Tombar	<i>Magic 2015</i>	Não deixe que nada além do vento domine o céu. – Dejara, druida de Bosque Dourado	Destruindo seus alvos Espantando as nuvens do céu Segurando em árvores
Estiolar a mente	<i>Magic 2015</i>	Me entristece perder uma fonte de inspiração. Essa parceria especialmente promissora. – Ashiok	Muitas pessoas se Destruíram ao tentar Criar um projeto impecável
Talidia Necroflorescente	<i>Core set 2020</i>	A natureza não é sempre suave, nem gentil, mas toda vida gera vida. – Marwyn de Llanowar	Posso trazer doenças Dar trabalho de montão Cortando-me um pedaço
Paladino da Cabala	<i>Dominaria</i>	O Senhor Demônio governou cada uma das eras. Cada ruína, mito e pesadelo é a prova de seu poder. – Rito de Belzenlok	O senhor demônio Governou a era da ruína Mito e pesadelo
Fenda tectônica	<i>Magic 2012</i>	Você se ajoelhará aos meus pés, mesmo que para isso eu tenha de partir ao meio a terra em que você pisa! – Ash Kronor, comandante keldoniano	Você morrerá Em meio às minhas fendas Na lava queimar

Fonte: autoria dos envolvidos

Ficaram de fora da listagem as criações poéticas que ultrapassaram o total de três versos ou que não apresentaram justificativa coerente com a imagem do *card* escolhido (explicação aleatória). Percebeu-se que os alunos de 8º ano têm mais segurança em criar seus textos de sabor a partir de textos de sabor prévio, e não apenas analisando a imagem da carta escolhida, conforme a tabela anterior ilustra.

Outra dificuldade apresentada é justamente criar algo em tão curto espaço. Mesmo assim, a técnica do “dizer muito escrevendo pouco” rendeu bons resultados para o nível dos alunos, e poderia ter obtido resultados ainda mais satisfatórios se a criação pudesse ser feita em versos livres. Porém, tanto as formas poéticas japonesas como o próprio texto de sabor exigem a utilização mínima de espaço físico. Enquanto alguns acham que se enquadrar em formas fixas de criação literária pode ser limitante, outros preferem permanecer dentro dessas fronteiras justamente para estabelecerem um ponto de partida.

Mesmo que fora do escopo da aula, alguns alunos trouxeram outros exemplos de textos de sabor, encontrados em personagens de jogos de computador e consoles, mostrando que o aprendizado em sala impactou suas rotinas extraclasse.

O JOGO AINDA NÃO ACABOU: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse breve texto procurou trazer um relato de experiência utilizando formas poéticas japonesas clássicas comparadas ao texto de sabor, elemento textual muito parecido com a epígrafe. Optou-se por fazer um trabalho assim para contextualizar textos curtos com o cotidiano do aluno, muitas vezes interessado no que o entretenimento de sua época lhe oferecer.

Os *haikais* de Bashô serviram como base para as criações poéticas pretendidas. Os resultados foram satisfatórios pelo fato de os alunos terem compreendido a complexidade das formas poéticas breves e precisarem criar seus textos numa forma próxima a elas,

além de dar sentido a suas produções textuais contextualizando-as para o que consomem (videogames, jogos de computador, *Role-playing Games* etc.).

Das sete criações autorais discentes, a escolhida para uma análise um pouco mais profunda demonstra o potencial que uma atividade assim possui. Pode-se, por exemplo, trabalhar com textos de sabor de maneira interdisciplinar com outras áreas (no caso melhor explorado, as ciências da natureza), ou focar numa análise semiótica, só para citar alguns. Dessa forma, espera-se que esse texto possa inspirar novas pesquisas envolvendo textos de sabor.

REFERÊNCIAS

BASHO. *Trilha estreita ao confim*. Trad. Kimi Tanenaka e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras, 1997.

LIGAMAGIC. Disponível em: <<https://www.ligamagic.com.br/?view=home>>. Acesso em: 07 jan. 2025.

MAGIC: the Gathering. Renton: Wizards of the Coast, 1993. Faixa etária: a partir de 13 anos. Contém: 60 cartas de baralho, 1 livreto de regras.



Pedro Panhoca da Silva é doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Era professor EBT'T visitante do IFSULDEMINAS/Pouso Alegre e atualmente atua na FATEC/Jacareí.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminosa da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

UM E-BOOK SOBRE SUPERAÇÃO

HISTÓRIAS E POEMAS MOTIVACIONAIS

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

E-BOOK

UM E-BOOK SOBRE
SUPERAÇÃO

HISTÓRIAS E POEMAS MOTIVACIONAIS

saiba mais: clique aqui



TROVAS HERÁLDICAS DA SEREIA

POR FLAVIO JOPERT

**NITERÓI - RJ
2026**



INDICE

Trova da Sereia	I
Trova dos Açores	II
Treva Azul	III
Treva do Peixe	IV
Treva da Gaivota	V
Treva do Pescador	VI
Treva do Barqueiro	VII
Treva da Frota	VIII
Treva do Rochedo	IX



“longe do vinho, e ti
me afogam lágrimas d´mar
salgado por este sal”



I



Trova da Sereia

“Ao destino de te ver ferida, pelas águas do mar poluído, quando tuas ondas me tocam,
vejo o quanto tens adoecido.”

Machado me fere,
madeiro em sangue.
Da sentença que profere,
por sal macabro profane.

“Se pudesse plantar uma semente no mar, ela seria de amor. Para quando crescesse,
de beijo o gosto ao sorrir.”





Trova dos Açores

“De todas as ilhas a mais bela, do mar a representação, é a força que tenho, para lutar contra toda essa poluição.”

Pátria avoenga.
Saudoso desejo.
De verte cercada.
Destino monstrengo.

“Como os povos das ilhas, se busca no mar lazer e alimento. É um doce remédio para a alma estar perto de tuas águas.”

...



Treva Azul

“Sendo uma trova de amor, me faz ao mar carente de te ver ao fim da vida de tanta teimosia intermitente”

Cuja aurora n´ infinito.
D´ um beijo despedir.
Ao cantar trova permito,
d´ vida outrora sucumbir.

“Se fosse o ventre de tua mãe, respeitaria filho ingrato? Porquê das águas que nascestes, fazes lágrimas agora. Louco desejo de pôr fim à origem da vida.”



IV



Treva do Peixe

“Essa alma que transcende as águas, frágil como um lampejo, é a vítima de teu despejo”

Me cega os olhos
luz tão clara.
Por injusto veneno
me sufoca as águas.

“O mal feito a vida marinha, no poluir irremediável, de condenação moral, mata a vida que serve de alimento”

...

V



Treva da Gaivota

“Feito humanidade, na sua busca por alimento, do mesmo destino sente, veneno por condimento.”

Busca-me os olhos
da gota a lágrima.
Do peixe salgado
deixar a vid’ abrolhos.

“O que fazer do inocente que, sem discernimento, faz desse esgoto despejo, e nas águas nos estraga os alimentos?”

VI



Treva do Pescador

"Vê no espelho dessas águas, que o metal faz refletir, tens o mesmo destino da gaivota, pelos filhos que parir."

A meus filhos
o sustento urge.
Da visão ferir tormento
constar vil, o sustento.

"Ao que sem refletir, na busca do laureamento, polui as águas marinhas sem ver quem dela busca o sustento."

...

VII



Treva do Barqueiro

"Um destino por esse inferno, por busca do ouro vaidoso, vê teu mercúrio, que dó destino me deu rumo pesaroso."

Rumo ao horizonte.
Destino Vestígio.
Plácido Caronte,
carrasco litígio.

"Brilha a luz do amor, ao fim dessa jornada, sem que me tenhas feito justiça, condenando a moral ilibada."

VIII



Treva da Frota

Ao navegante que do mar defenda a vida, tendo a certeza ao horizonte, que a defesa é prometida.”

Ambiental frota
a que injusta fere
ao mar tragar veneno.
Esgoto jorrar confere.

“Todos os avisos alertam os povos, de que teu consumir infinito, justifica o existir.”

...

IX



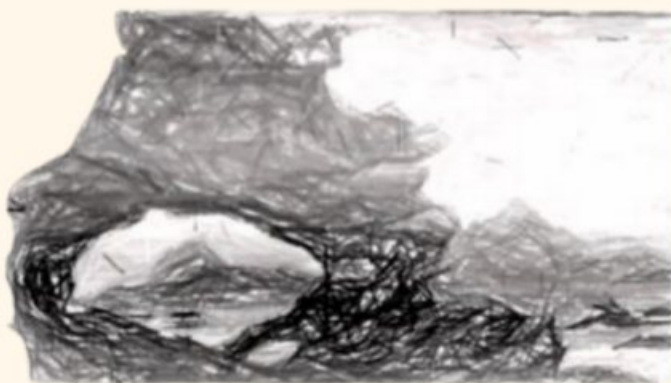
Treva do Rochedo

“De como o mar sem vida, bate nos rochosos paredões dando ao eco existência de uma vida destruída.”

Nas pedras o que,
da fortaleza rugue,
jaz sem vida.
Como prima criatura.

“A causa primeira da destruição insana, tem por fim, com seus venenos, pedras e areias sem vida.”





(...)

A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes, alegria. (...)

(Camões - Os Lusíadas, canto IX)



Foto: Flavio na Niteroiense
de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Revista Conexão Literatura

O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Brontë



“Só quero que nunca mais nos separemos, e, se algum dia as minhas palavras te angustiares, lembra-te de que sentirei a mesma angústia debaixo da terra..”

Emily Brontë

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Grito da Alma da Terra

POR RAUL SCHAEFER FILHO

não carrego a dor do mundo
mas contorno as montanhas escarpadas
com meus ombros arqueados
não trago a alma vazia
nem levo gelo ao polo
sopro o sopro do bem e do sal
deixo regalos em escusa manjedoura
e preso às algemas da liberdade
rasgo o vento da história
navegando sobre o precipício da noite
lanço o grito de êxtase
remonto o vitrô partido no reflexo
e realizo o parto da oculta esperança
em fogo fugidio ponho a mão
e na terra seca urino vidro e pedra
para germinar vida em corrimão liso
onde procuro escapar das guerras
da intolerância e da obscuridade
aguardando um sol benfazejo
para me alimentar em ablução.

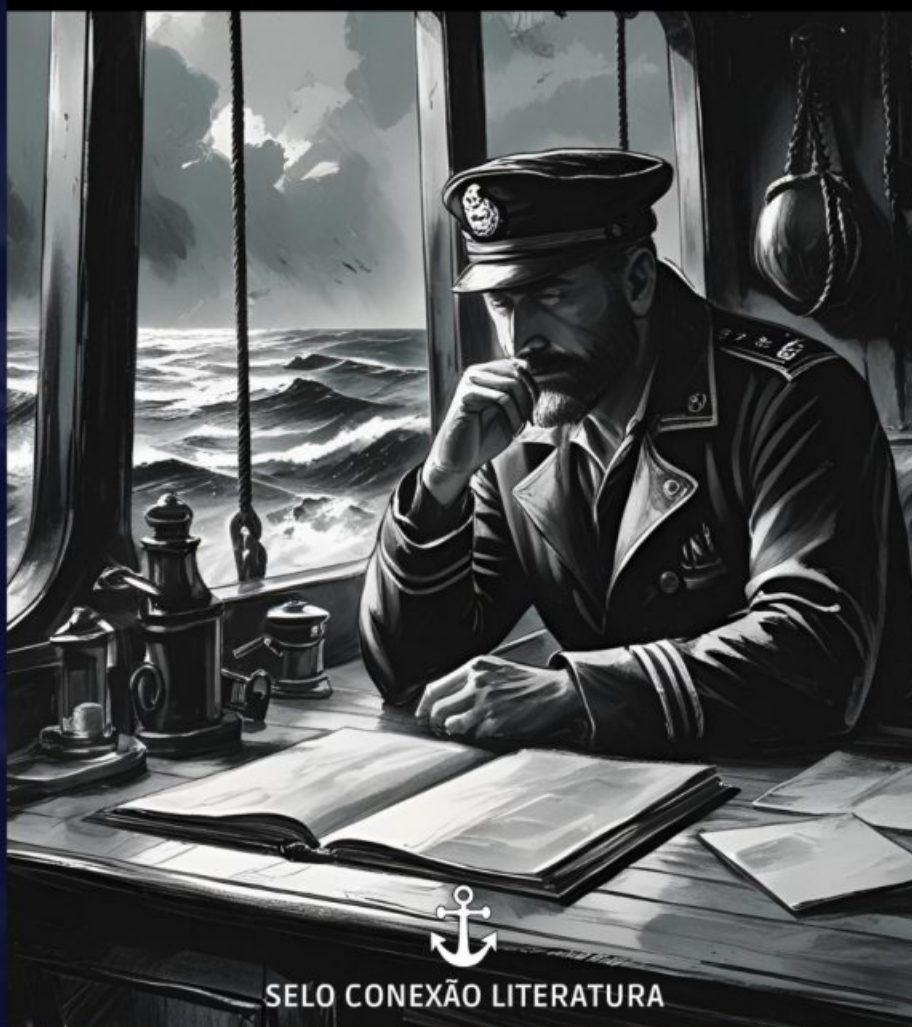
Raul Schaefer é formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis, tendo participado em várias antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos.



Canva

A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima

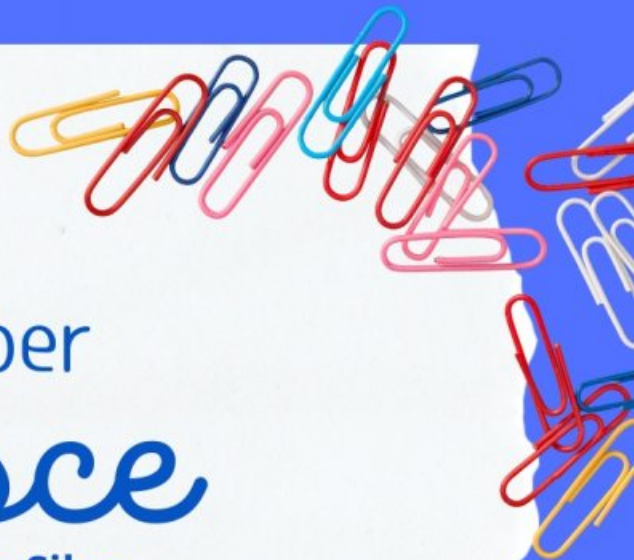


SELO CONEXÃO LITERATURA

A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saía cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)



Onde o Saber Floresce

Por Adriano Rosa da Silva

Às vezes, na escola, o saber sabido se esconde,
Não chega, não chama, não abre o horizonte.
Faltam leituras que façam sonhar,
Que acendam nos educandos o desejo de imaginar.

Leituras que toquem a alma e o sentir,
Que ensinem a viver, a pensar, a existir.
Ler não é apenas juntar letra e som,
É mergulhar no mundo, é dar sentido à habilidade e ao dom.

Desde a colônia, em nossa terra amada chamada Brasil,
Ler sempre foi poder, foi traço sutil.
Entre igrejas, classes, muros sociais,
A palavra escrita separou desiguais.

Quem lê decifra signos, desvenda intenção,
Vê no texto literário mais que informação.
Vê espelhos, perguntas, caminhos a abrir,
Vê mundos possíveis a se reconstruir.

@revistaconexaoliteratura





A escola hoje é porta aberta, mas nem sempre é chão
Onde o saber floresce em real comunhão.
Pois estar na sala de aula não é garantia
De acesso ao sentido, à plena poesia.

Cabe ao professor, quase só, em luta,
Fazer do livro ponte, da leitura escuta.
Ensinar que ler vai além de decifrar,
É compreender o mundo, é nele atuar.

Ler a palavra, ler a vida em tensão,
Ler o que se cala, ler a contradição.
A leitura do mundo vem antes da escrita,
É soma contínua do fazer humano no dia a dia.

Mas a prática ainda é frágil, distante do ideal,
Falta tempo, sensibilidade, falta o essencial.
Tudo depende do olhar de quem educa,
Do sonho que sustenta, da escuta.

Formar sujeitos pensantes, críticos, ativos,
Exige leitores livres, curiosos, vivos.
Que a escola semeie, sem medo, sem freio,
A leitura autônoma como direito e meio.



Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS AO VENTO

VOL. XIV

ANTOLOGIA NACIONAL
VOLUME XIV



POESIAS

AO VENTO



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

E-BOOK

saiba mais: clique aqui

Notícias limpas e o devido respeito.

Nada de cookies. Nada de cadastros. Nada de anúncios invasivos. Apenas notícias. Sempre grátis e sem instalação. Acesso sem complicação a partir do navegador do seu dispositivo.

Manchesters de 30 países de 6 continentes. 190 portais de notícias em 12 idiomas. 800 capas de jornais do mundo inteiro.

Leia, traduza e ouça suas notícias preferidas.

Nos portais GNN o leitor pode localizar manchetes por palavra-chave. É o único portal que oferece três interfaces diferentes onde você pode traduzir e ouvir as notícias no formato de sua preferência..

GNNsports.com é um buscador de notícias. Você pode selecionar o país e o período para o qual quer retornar notícias dos termos pesquisados.

No GNNpress.com você pode selecionar jornais por país. e GlobalNetwork.news exibe, na carga, notícias da sua região.



globalnetwork.news | gnnpress.com | gnnsports.com
© 2026 - GNN Press Brasil Ltda - Powered by Heron Robledo.

GNN: três formas de acompanhar o noticiário.



Global Network News

01 de março de 2026

QUEM AMA LITERATURA APRECIA INFORMAÇÃO DE QUALIDADE



Heron Robledo. Escritor e engenheiro de software, criador dos portais GNN.

Simples assim:

Como escritor, manter-me bem informado é uma questão profissional. Mas, ultimamente, ficou difícil acompanhar o noticiário. Os portais de notícias tornaram a simples ação de se ler uma manchete em um tormento, tamanha é a quantidade de anúncios e vídeos publicitários que se sobrepõem às notícias. E não é só nos portais gratuitos. Eu sou assinante de um certo jornal “grandão” do Brasil e enfrento o mesmo problema, mesmo pagando. Por mim, tudo bem. Eu criei meu próprio jornal; um agregador de notícias mundial com manchetes dos principais jornais do mundo e em vários idiomas. Só notícias limpas. Sem intrusões.

A Semana

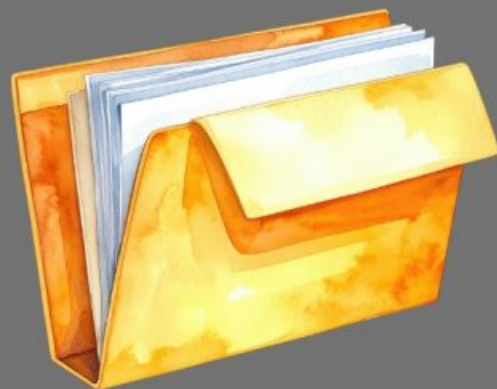
Por Bem-te-vi mensageiro

Segunda veio,
Você se espreguiça na cama,
E vê a preguiça,
Que não quer lhe largar.
Levante senão o corpo enguiça,
Como um motor que não quer pegar.
Você abraça
Mais um pouco o travesseiro,
Que fica mais com seu cheiro.
E diz:
" Não mereço!"
Não comece a segunda
Reclamando do preço,
Faça da sua segunda,
Um bom recomeço.
O que dizer de terça feira?
Dia pouco falado
Geralmente movimentado
Na grande cidade.
Não tem a mesma preguiça da segunda,
Nem a magia de sexta
Mas tem seu significado.
Pode ter sido numa terça,
Que a moça conheceu seu namorado,
Ou com ele tenha terminado,
Marte entre os romanos
Na terça era reverenciado.
Por tantos anos,
Tantos nasceram,
Tantos morreram,
Em vários lugares
Numa terça feira,
De algum mês.





Talvez numa terça acabe uma guerra,
Seja o dia do fim do mundo,
Comece ou se encerre uma era,
Talvez numa terça feira de primavera,
A moça beije o amor de sua vida,
Pela primeira vez.
Você duvida?
Consulte o horóscopo chinês!
Quarta feira!
Dia do meio.
Quantos reclamam da segunda?
Quantos amam a sexta?
A segunda deixa um pouco de si na terça,
A quinta já começa a dar um gostinho de sexta
E todas são feiras.
A quarta é bonita?
É feia?
Dama de olhar afável,
Só quero lhe desejar,
Que sua quarta seja agradável
Como uma primavera;
Calma,
Como as águas tranquilas de uma lagoa.
Quartas-feiras tem alma?
Se tem,
Espero que as suas
Tenham alma boa.
Quartas à noite podem ser de qualquer fase de lua,
Muitos preferem a cheia;
Mas ainda que seja nova ou minguante
Que seja uma noite bela,
Com um céu repleto de pontos brilhantes,
Transbordante de estrelas!
Alguém,
Apareceu na janela,
Quem?
É Quinta!
Quinta é tão perto
De sexta





Que quando quinta vem,
É certo,
Que alguém já está espiritualmente sextando.
Quantos torcem ao raiar o ano
Que se não feriar as sextas ou segundas,
Que seja quinta por favor!
Esperando a benevolência de um governador de estado,
Que decrete o próximo dia
Como facultado.
Moça que gosta das quintas
Que o anjo deste dia lhe proteja,
Que seja um anjo que trabalhe
Nos pontos facultativos
E também nos feriados!
Ora veja!
Já é sexta-feira!
No Brasil,
Dia das noites de cerveja.
Vem e me beija
Querida Sexta-feira!
Sexta que uma vez ao ano
É santa.
Para muitos em tantas
Tantas sextas-feiras,
É o dia desejado
Pelos adoradores de Baco.
Posterior à quinta,
Antecede o sábado.
Quantos amam
Quando sexta é feriado?
Quantos estudantes sabadeiam
Nas noites de sexta,
Deixando vagas as carteiras?
E porventura suas futuras carreiras?
Ó ser noturno,
Que vagueia,
Pelas noites de sexta nos bares,



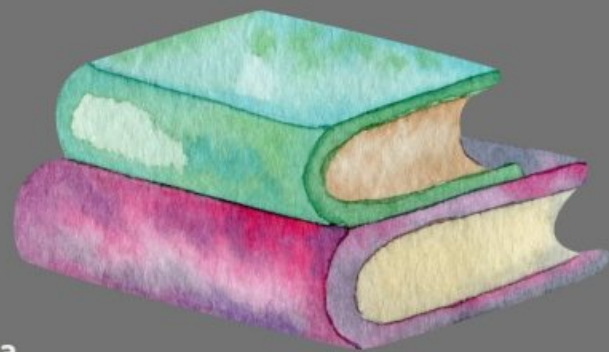


De gente encharcados,
Prepare sua carteira,
Não é só porque é sexta-feira,
Que venderão fiado!
E você que bebe um bocado
Não minta a você mesmo,
Quando grita entusiasmado:
"É a última,
A derradeira,
A que finda,
A saideira!"
E aí sabadou,
Sabadou com vontade,
Para quem pôde
Sonhar até mais tarde.
Quem sabe um esporte?
Depois um Rock, forró ou pagode?
Não, não é só questão de sorte,
Trabalhar ou não trabalhar no sábado.
Questão de vida ou morte,
Ou não?
O importante então,
É que se lute!
Nem sempre é possível o desfrute.
Que o domingo que logo vem
Possa ser lindo,
A segunda-feira
Vem vindo,
Sorradeira...
Mas encare tudo isso com amor,
É melhor para o bem,
Da sua saúde.
Não se esqueça porém...
Se a bola vier
Não relute.
Chute!
Se a vida precisar
Re-lute!
Domingo surgindo,
Domingo de sol,
Ou com pingos



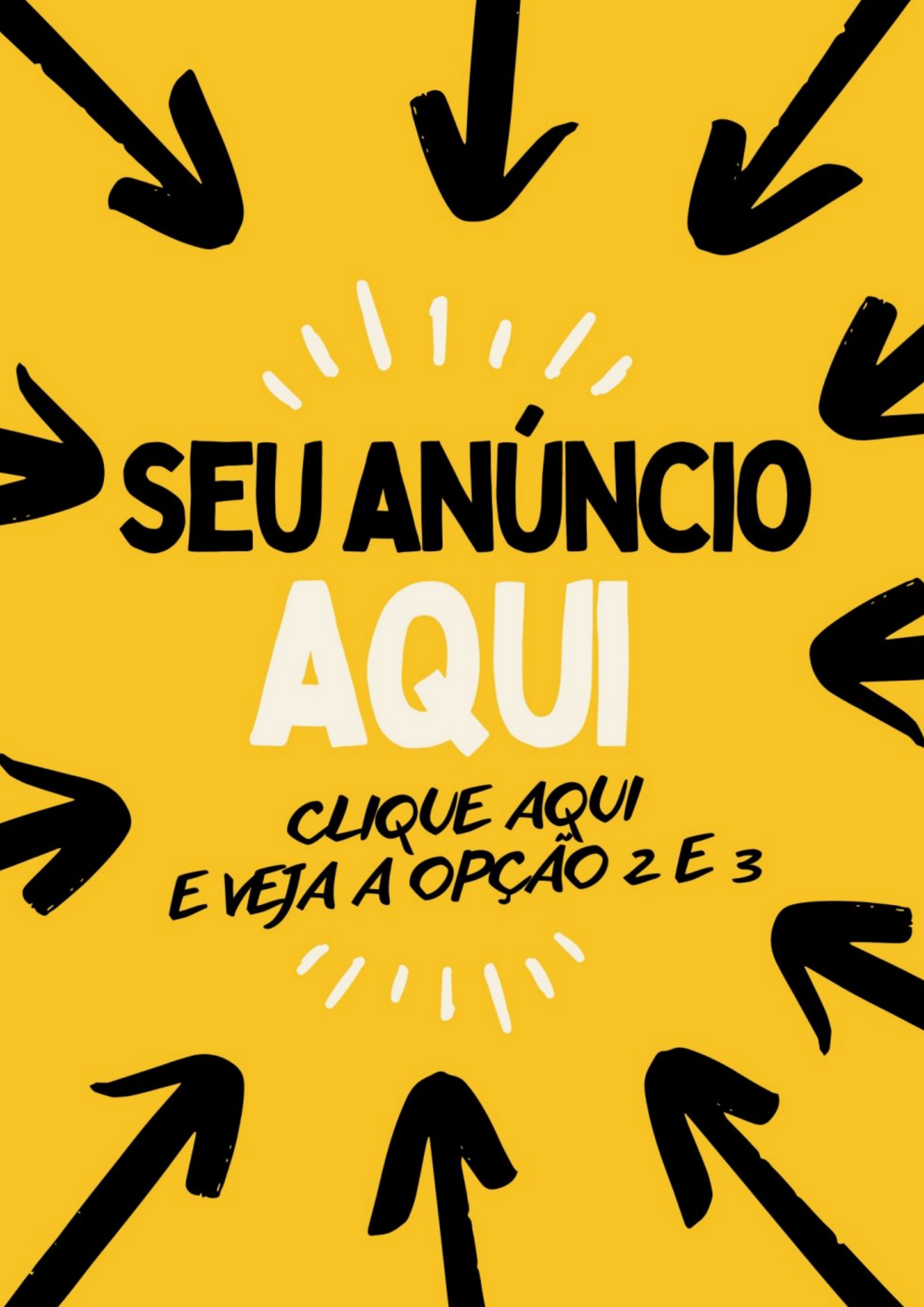


De chuva caindo?
Mesmo que em algum lugar neve,
Chorando,
Ou sorrindo,
É domingo!
Pegue leve,
Não pense se deve,
Se não tem,
Se teve.
Tudo bem!
Releve,
É domingo, hein?
Pais levam filhos pequenos na praça,
Namorados vem
E vão.
Quem pode cria asa
Na imaginação,
Vá para piscina,
Para praia.
Se puder saia,
Ou fique em casa,
Curtindo,
Dormindo,
Com ou sem churrasco na brasa,
Com vinho,
Cachaça,
Cerveja,
Ou com água.
Tente passar o domingo rindo,
Demais,
Sem mágoa,
Na paz.
Ria da piada boa,
Ou da sem graça.
Quando vê já é segunda,
Hora de botar a mão na massa!
O tempo passa...
E haverá quem a segunda xingue,
Dizendo naquela hora:
"Ó desgraça!"
Com saudade do domingo que foi embora!



Márcio José Matos Rodrigues,
Professor de História, Psicólogo,
servidor público municipal,
escreve nos blogs de sua
autoria: Blog do MJ Rodrigues e
Águia Guerreira Tunante.





**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS NOTURNOS

VOL. IX

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POEMAS NOTURNOS

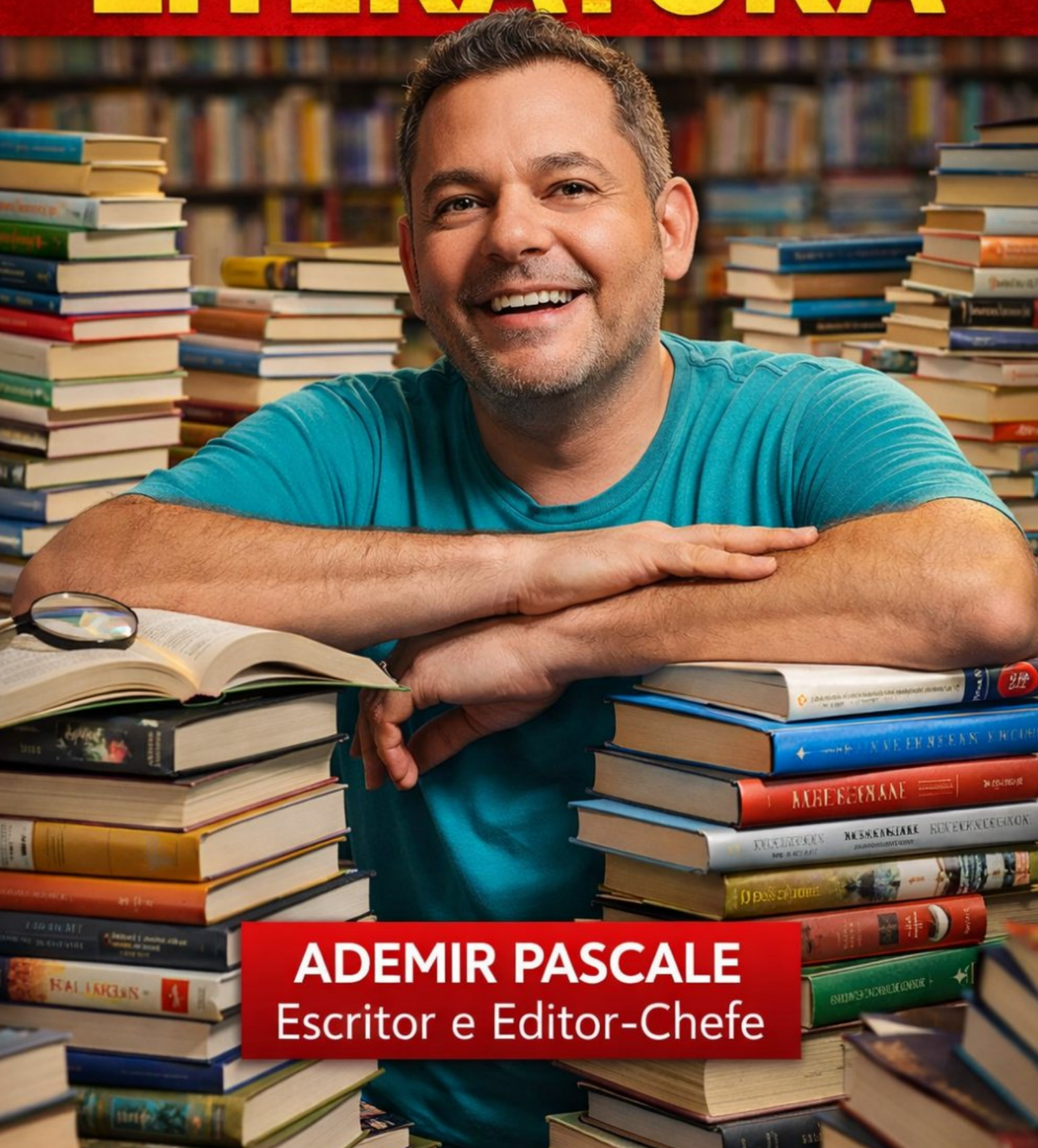
VOLUME IX

E-BOOK

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui

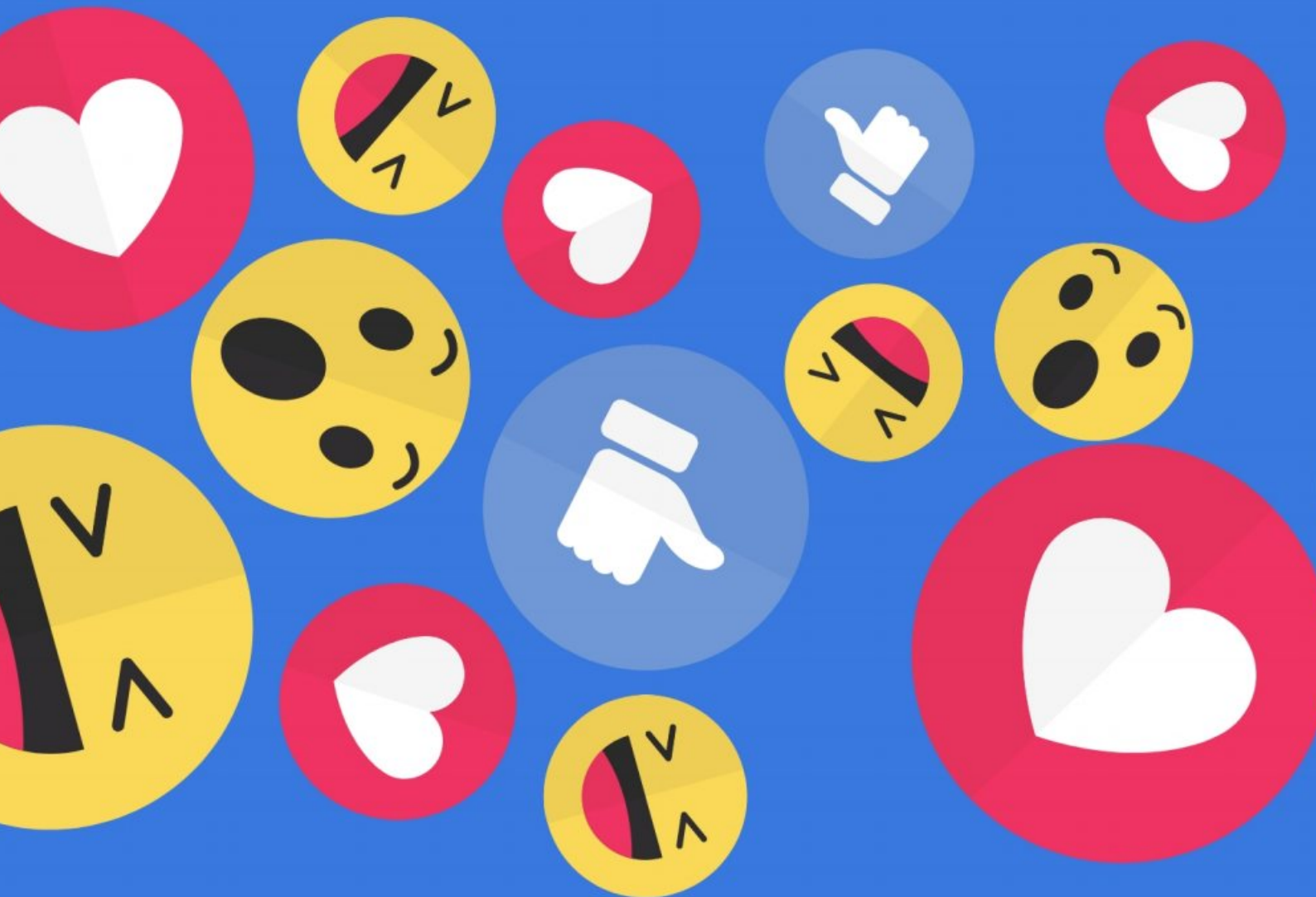
REVISTA **CONEXÃO LITERATURA**



ADEMIR PASCALE
Escritor e Editor-Chefe

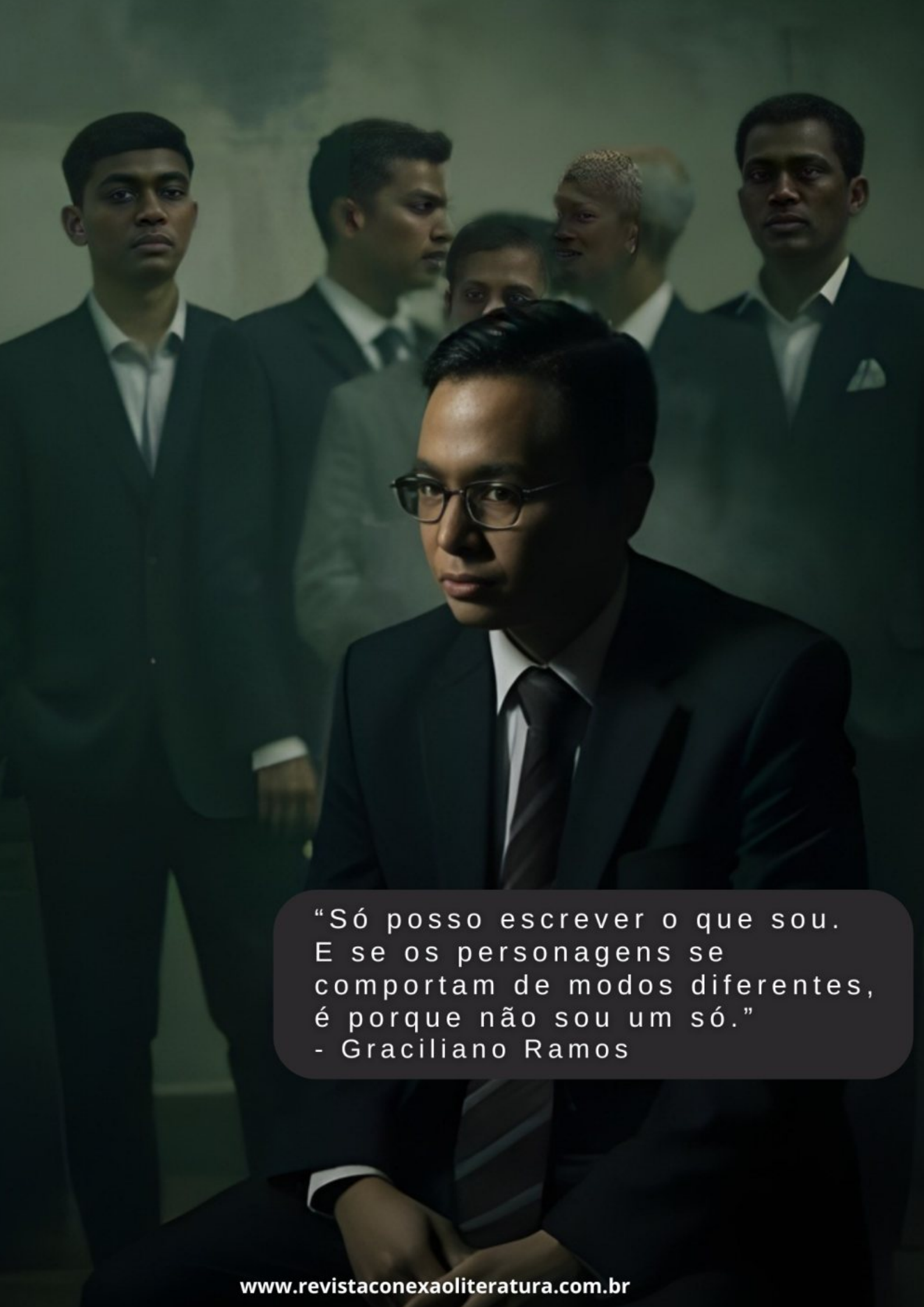
no

 @REVISTACONEXAOLITERATURA

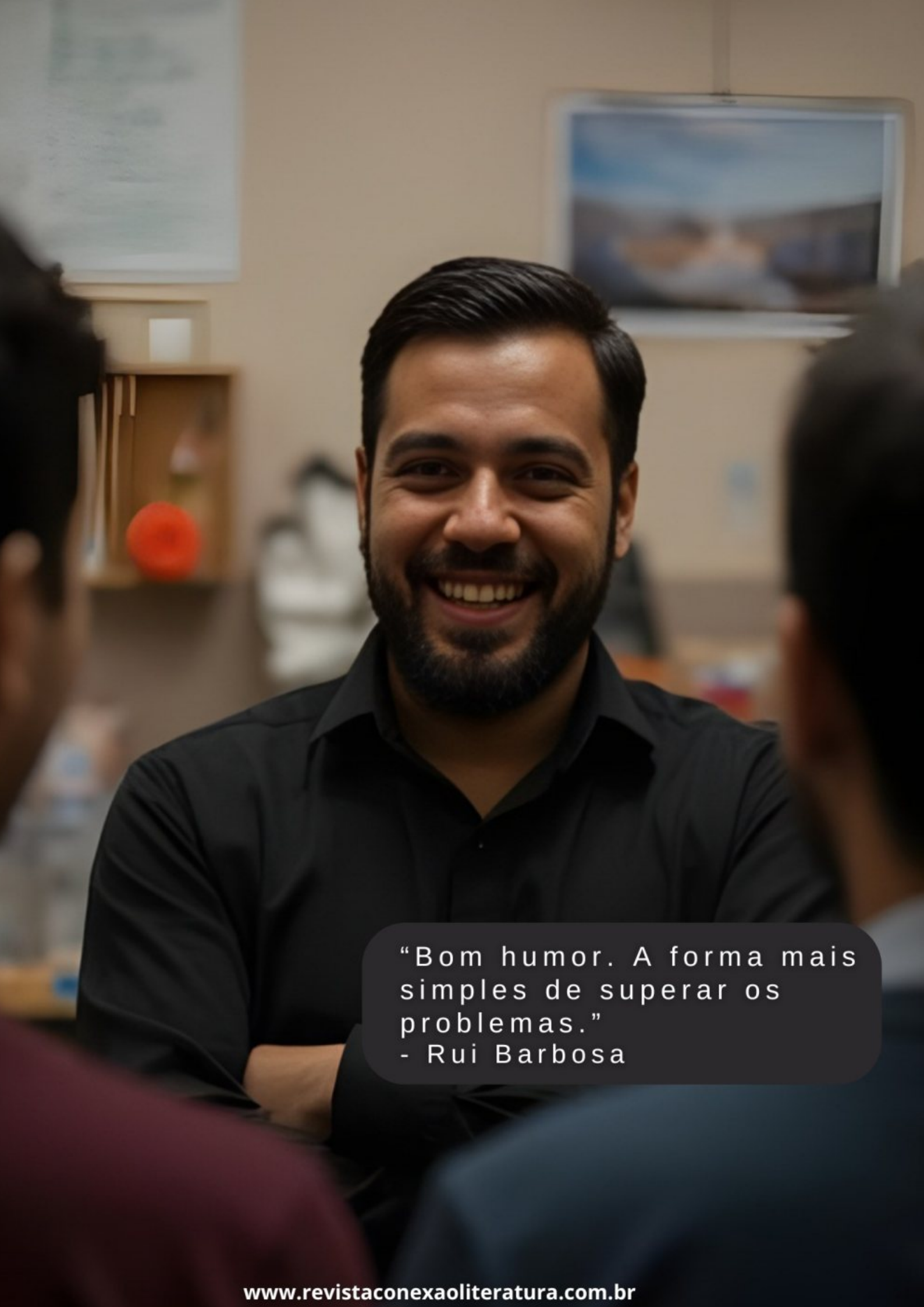




Citações de Grandes Autores



“Só posso escrever o que sou.
E se os personagens se
comportam de modos diferentes,
é porque não sou um só.”
- Graciliano Ramos

A man with dark hair and a beard, wearing a black shirt, is smiling broadly. He is in a meeting room with other people's heads visible in the foreground. In the background, there is a whiteboard, a shelf with a red ball, and a monitor displaying a landscape image.

“Bom humor. A forma mais
simples de superar os
problemas.”
- Rui Barbosa



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



O ESTÚPIDO

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

Dora saiu do banco às 16:30 horas, mais cedo do que o usual, pois precisava buscar seu filho Marcos no dentista, na zona leste onde morava, distante de seu trabalho em agência na avenida Paulista, onde exercia a função de caixa.

Função essa quase em extinção. Tinha até pena dos idosos que iam rotineiramente buscar extratos, pagar contas, sacar valores e dependiam exclusivamente do atendimento presencial, pois não dominavam aparelhos eletrônicos, aplicativos e sistemas.

Lamentavelmente, a tal inclusão digital não se verificava como os experts apregoavam e isso não se dava apenas em relação aos excluídos economicamente do mercado de trabalho. Pessoas com deficiência, cujas características físicas obstaculizavam a utilização de celulares, por exemplo, além de pessoas idosas, possuíam extremas dificuldades para realizar as mais mezinhas operações, as quais implicassem em mínima autonomia quanto ao recebimento e gerenciamento de recursos.

Fazia o que podia, tendo paciência para ouvir as histórias muitas vezes repetidas dos clientes. Ficava silente, sorria de modo gentil e fazia perguntas reiteradas, simulando indignação, espanto ou aprovação, em consonância com a natureza dos relatos. Isso lhe dava a sensação de que seu trabalho não era com dinheiro, com documentos e máquinas. Seu trabalho tinha como objetivo cuidar de interesses relevantes dos clientes. A percepção era de que possuía seu lugar no mundo, só seu, não como um número, não um autômato. Seu trabalho era útil. Mais que isso: necessário.

Preocupava-se com o futuro de Marcos, seu único filho de onze anos. Dora era “mãe solo”. Seu namorado Eduardo, por quem fora apaixonada, não havia passado de uma gigantesca fraude. Não era atencioso, não lhe dava a importância devida e os encontros, que esperava tornarem-se mais frequentes e estáveis, acabaram por findar pelo sumiço do sujeito. Foi então que se descobriu grávida. Mandou inúmeras mensagens, telefonou, tentou acreditar na melhor versão de que ao menos ele seria gente. Mas não foi. E amargurada e repleta de vergonha de sua mãe, viúva e adoentada, sem outros filhos que pudessem ampará-la, não teve outra alternativa do que crescer à força, sufocando sonhos e ilusões em benefício de sua família. Simplesmente, engavetou suas esperanças, frustradas com a realidade atroz, para nunca mais ter que encará-las. Porque era doloroso ao extremo.

Ia e voltava do trabalho diariamente de metrô. Era cheio, não conseguia sentar-se no mais das vezes, mas jamais teria possibilidade de se deslocar no tempo peculiar a esse meio de transporte caso utilizasse carro de passeio. Seu veículo ficava estacionado na garagem da casa assobradada da mãe, com quem residia.

Na estação correspondente ao seu destino, desceu rapidamente, concentrando-se em movimentar o corpo de modo a não colidir contra alguém. Andou o mais rápido que pode, usou a escada rolante, saiu rumo à rua, que ainda estava iluminada naturalmente, embora o dia estivesse morrendo.

— Acho que consigo chegar às 18:30 horas para pegar o Marcos, graças a Deus! Vou só parar rápido na padaria para comprar pão francês e queijo fatiado, para mais tarde — pensou.

Sua vida era assim: mesmo atribulada, não podia deixar de se recordar de comprar os itens indispensáveis à alimentação da família, limpeza da casa, remédios para a mãe, etc. Dora era chefe de família. E nem podia cantar a música do Adoniran Barbosa

porque, ainda que fosse filha única e realmente tivesse uma mãe que não dormiria enquanto não chegasse, possuía também um filho que demandava muito trabalho e responsabilidade.

Após uma compra relâmpago na padaria, na qual também pegou três enormes sonhos recheados com creme (eram lindos e estavam frescos, não teve como resistir), caminhou rapidamente por dois quarteirões e meio até chegar em casa.

Largou as compras na bancada da cozinha, foi à toalete, trocou a blusa social por uma camiseta branca leve, tirou os sapatos fechados com saltos baixos e calçou um par de tênis confortáveis, pegou a chave do carro, a bolsa e já se dirigiu à garagem. Não queria atrasar, final de dia, o dentista tendo que encerrar os atendimentos e Marcos muito provavelmente mau humorado por estar fazendo tratamento ortodôntico. Mas tudo por um sorriso perfeito, o filho ainda iria lhe agradecer um dia...

Passou por avenidas movimentadas e entrou em ruas estreitas do bairro, que conhecia muito bem. Próximo a uma pequena praça, em uma rua que se desenvolvia em declive, estancou o veículo na placa PARE. Os carros vinham pela esquerda e faziam uma curva para entrar na rua em que ela também iria ingressar. Embora inexistissem veículos à sua frente, Dora jamais iria passar por uma placa de parada obrigatória sem antes estancar o automóvel.

Feito esse movimento, em um ou dois segundos percebeu pelo retrovisor um veículo utilitário azul, com um homem de meia idade e cabelos grisalhos jogados em ambos os lados da cabeça, parar atrás de si.

Calmamente, Dora olhou para a esquerda e viu uma fila de automóveis transitando velozmente para entrar na rua, que era seu destino. Ficou observando, sem acionar o veículo, quando... o tal indivíduo do utilitário azul teve um ataque histérico e colocou ambas as mãos na buzina de seu tanque de guerra!

Entre abismada e assustada, apontou para a placa PARE, mas o tal cidadão continuou com seu comportamento truculento, acompanhado por outros automóveis que, atrás do aludido tanque belicoso, não sabiam do que se tratava. Um motorista até passou pela faixa branca pintada no chão, não destinada ao tráfego.

Entre nervosa, assustada e completamente indignada, outra não pode ser a sua atitude salvo acionar o veículo para frente, pois não tinha o direito de se inteirar da movimentação da via pública, em observância estrita à sinalização, porque um indivíduo estúpido e covarde não era capaz de respeitá-la como ser humano.

Adentrou em uma travessa à direita e pouco mais de 20 metros à frente, estacionou o automóvel defronte à clínica do dentista.

Estava trêmula. Indignada. Revoltada. Aquele homem estúpido e covarde faria o mesmo com um motorista do gênero masculino? Pareceu-lhe pouco provável. Tinha que disfarçar pois não queria que o filho notasse sua agitação.

O menino entrou no carro e colocou o sinto de segurança.

— Oi, mãe. Tá bem? Sua cara tá esquisita...

Dora tossiu brevemente e em tom sério, disse:

— Sim, filho. Tudo bem. Mas espera um pouquinho, preciso passar numa rua aqui atrás da clínica para ver uma coisa.

O garoto olhou desconfiado para a mãe. Ela estava com cara de bicho mordido. Melhor era ficar quieto.

Dora retornou ao cruzamento. Estacionou o veículo.

— Marcos, espera aqui, já venho, tá? Rápido.

O menino assentiu positivamente com a cabeça.

Dora olhou para a placa, buscando a existência de câmera que porventura pudesse haver registrado a barbárie. Nada.

Observou as casas próximo à via e somente localizou uma câmera do outro lado da rua.

Atravessou-a com cuidado, rumando em direção à residência, logo a seguir tocando a campainha.

— Olá, pois não?

Percebeu que a voz saía de um equipamento eletrônico, próximo ao interruptor da campainha.

— Oi, me desculpa... passei um nervoso danado a pouco tempo simplesmente porque parei próximo à placa de parada obrigatória e um sujeito grosseiro começou a buzinar ininterruptamente. Me senti muito agredida e constrangida. Será que a imagem ficou gravada?

— Oi, moça, super entendo. Já reclamamos tanto para as autoridades de trânsito que ninguém para nesse lugar e quando alguém obedece a placa é isso, agressão.... como se a placa não estivesse lá. E conosco, mulheres, sempre é mais violento. Acredita que já tivemos dois carros batidos que estavam regularmente estacionados na frente de casa? Um absurdo! Me passa os dados do seu veículo e vou olhar. Conta também o que você lembra do automóvel que estava atrás de você.

Dora atendeu à solicitação, ficando realmente impressionada com a solidariedade de uma pessoa que sequer estava presente e que provavelmente, apenas via sua imagem por uma câmera.

Ficou olhando para o outro lado da rua, preocupada em não demorar por causa de Marcos. Mas a fúria que estava sentindo era imensa. Precisava reclamar da conduta surreal, de violência ímpar e de covardia ilimitada. Era por essa razão que tantas mulheres estavam morrendo em profusão. Por causa de estúpidos que se acham no direito de literalmente passar por cima delas!

Transcorridos cerca de três minutos, a voz novamente se fez notar.

— Moça, desculpa, não consegui ver o seu veículo por causa do ângulo da câmera, então não posso te informar qual seria o carro atrás do seu! Mas certamente esse cara vai ter o que merece por seu comportamento cretino, não se preocupe!

Dora se despediu e agradeceu a atenção. Achou que a pessoa percebeu que a narrativa foi real e que algo precisava mudar. E mudanças somente existem quando condutas indevidas são denunciadas, com a indispensável repressão. E isso para todos. Independentemente do patrimônio e arrogância dos agressores.

Havia feito o que podia. Quando estivesse mais calma, contaria a Marcos o que aconteceu. Já sabia que o estresse exterminaria seu sono naquela noite. Mas o essencial era reagir. Defender-se dentro do possível, tentar acionar as autoridades, ainda que seu reclamo fosse ignorado. Acima de tudo, seu desejo era criar um homem de verdade. Não

um estúpido que agride mulheres, talvez após chutar cachorros. Essa realidade somente poderia mudar com homens que, desde pequenos, fossem ensinados a serem civilizados.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



Literatura

um mundo de possibilidades

REVISTA CONEXÃO LITERATURA





POR IDICAMPOS

MULHER

A primeira coisa que vi neste mundo foi minha mãe, uma mulher, abrindo o corpo inteiro, rebentando as entranhas, permitindo à natureza de mim o acesso ao sopro da vida...

Mãe é o sino tocando na toca, quando nascemos, ganhamos pernas, caminhamos sobre elas, sentimos o sabor da palavra dentro da boca, aprendemos a pensar; a quem confiamos a nossa educação.

O sorriso estampado na face da fêmea recorda o acordo com a felicidade, vontade de continuar vivendo para assimilar o amor sentido!

No teu colo, nos mesmos seios que me alimentaram, tenho o prazer de tocá-los, acariciá-los, beijá-los; onde perco o fôlego e naufrago.

Eu, ingrato, chorava a noite inteira, interrompia o romance dos pais, cuspi na cara dos outros, arrotava alto, chorava o tempo todo: um chato.

Na hora de andar, uma luta — preguiçoso — queria ficar sentado; ela dava bronca, assim dei os primeiros passos...

Primeiro falei mamãe, depois papai, aliciava o amor dos dois, um interesseiro.

Fui à escola, falava pelos cotovelos, atrapalhava a explicação; no entanto, a professora apresentou as primeiras letras.

Hoje, já fiquei grandinho, cabelos grisalhos, ouço a companheira, a minha amante, a mulher dos meus sonhos, porque minha mãe faz tempo foi com o vento...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MILHARES DE
LEITORES**

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br





A MANTÍCORA DE GROI

POR NEY ALENCAR

Ó criatura impura,
De razão pueril,
Seu veneno é mortal!”

— Aforismos de Groi

Muito ao sul da fabulosa Charneca de Guay ficam as terras selvagens de Groi, com suas planícies cheias de espinheiros e suas savanas de acácias baixas, aroeiras e umbuzeiros e grandes manadas de touros selvagens de três chifres chamados Licornes, que se diz por vezes que vieram daquelas terras insólitas e fantásticas, Exteriores, obscurecidas por uma Escuridão anterior à Luz verdadeira, muito além da Voragem Caótica das bordas do verso conhecido.

Diz-se que existe ali uma miríade de rios que se espalham como uma teia cerúlea por aquelas terras e que dentro de suas águas profundas e frias habita uma raça de criaturas menores que tomam a forma de crocodilos serpentinos de pele roxa e carmesim e que cantam para a lua nas noites em que ela está encoberta pela terra, pois tem medo que o astro não mais retorne ao arco do céu, e a chamam desesperadamente com vozes aflautadas e rimas desconexas.

Diz-se que por lá também habita a mítica e elusiva, e também famigerada e venenosa, Mantícora de Groi, assim nomeada por causa de um esdrúxulo cavaleiro e poeta que ousou caçar a lua através do céu em um hipogrifo e acabou caindo nas cercanias da gruta habitada por uma fera vil e ali foi devorado!

Conta-se que Groi, o poeta, era filho do Grande Rei, porém escolheu ser apenas um cavaleiro para escapar aos deveres como herdeiro do trono, para tanto foi-lhe confiada, de forma tendenciosa e não por méritos próprios, a busca pelo fabuloso Colar de Pedras da Velha Lua, da qual ele pretendeu se desincumbir capturando um hipogrifo e cavalcando-o em vestes púrpuras e puritanas até as planícies lunares para adquirir o artefato.

Não se sabe se Groi foi ou não bem-sucedido nesta empreitada, e em nenhum outro lugar se conta de suas aventuras pelas terras lunares, nem se encontrou o dragão que lá habitava ou o valoroso herói que lhe dava caça, mas sabe-se, de terceira mão é claro, e de apenas se ouvir dizer, que ele tentou tirar o colar à força do pescoço branco da Velha Lua, numa daquelas noites em que ela não estava de bom humor e que por causa disso sua montaria corcoveou e o jogou da cela.

Diz-se que ele caiu justamente na boca da caverna da famigerada besta quando esta se preparava já para jantar a donzela magricela que raptara de uma cidade próxima à borda daquelas terras que já não conhecemos mais.

Ora, o poeta apaixonou-se perdidamente pela donzela e em um arroubo de insignificante amorismo e singular perspicácia arrostando a besta na ânsia de proteger a amada, o que não foi sensato, e nem um pouco inteligente!

A Mantícora desdenhou a insípida donzela, sorrindo manhosa com aquela bocarra apinhada de dentes brancos e afiados como navalhas que se abria de orelha à orelha na sua monstruosa face barbada, pois interessava-se mais por poetas e cavaleiros de valoroso ardor do que por criatura insossa e magra, sem carnes e sem graça nem atrativos.

Assim propôs ao cavaleiro um duelo de charadas de cunho irônico e perturbador, o vencedor levaria a princesa e a vida, o perdedor seria devorado!

O cavaleiro aceitou a proposta maliciosa da criatura mesmerizado pelos olhos azuis e mandriões da perspicaz donzela e seguiu-se um combate febril de veemente verborragia no qual por vezes o poeta urdia vencer e por vezes caía pelos meandros enigmáticos das adivinhações propostas pela besta sagaz.

Cumprir dizer, porém, que a Manticora era loquaz e extremamente bem versada na conspícua arte da urdidura de versos e enigmas, diz-se até que era parente distante daquela outra, chamada Esfinge, que outrora habitou as areias escaldantes sob as velhas pirâmides.

À certa altura, quando o poeta estava atarefado com uma quadrinha de difícil compreensão, notou que a donzela, aproveitando-se do duelo, havia fugido, de forma furtiva e dolosa, e o deixara sozinho, isso abateu-lhe o ânimo e a coragem e misturou seus pensamentos.

Titubeou, tomado pela dúvida, e sua resposta foi equivocada!

A Manticora sorriu!

E esta, infelizmente, é uma história que não teve um final feliz!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



A MULETA DE ABIGAIL

POR IVANA T. SOUZA

Há um ano, Abigail perdera seu filho Heitor, que nascera com uma grave doença congênita, a qual evoluiu levando-o à morte. Desde então, inconformada, mergulhara em profunda depressão; afastara-se de todos - com um agravante: de forma deliberada, ligara-se emocionalmente e mentalmente a um bebê “reborn”, na ilusão de que isso pudesse aliviar a dor e a saudade que a consumiam.

Inúmeras vezes, Otávio, esposo de Abigail, tentou tirá-la dessa situação, chamando-lhe à razão e apontando para a gravidade do problema ao qual ela se deixara prender. Entretanto, recusou-se a ouvi-lo e insistiu de maneira doentia em tal ficção, já incapaz de discernir a realidade do imaginário. Foi nessa condição deplorável que Otávio a encontrou um dia, ao retornar do trabalho por volta das 18h.

Ao abrir a porta, viu-a junto à janela, pálida, magérrima, olhos marejados e com os cabelos loiros e ondulados em desalinho, cujo desleixo era visível. Embalava o bebê de silicone, cantando numa voz quase inaudível:

*“Como pode peixe vivo,
Viver fora d’água fria?
Como poderei viver sem a tua,
Sem a tua companhia?
Como pode peixe vivo...”*

Diante da cena carregada de morbidez, Otávio permaneceu parado à porta. Uma chuva fina e fria imprimia mais melancolia ao dia, enquanto o céu cinzento parecia ecoar o vazio no peito de Abigail.

Permaneceu ali alguns instantes, recordando os dias felizes, que agora pareciam tão distantes, mas logo abandonou os devaneios e perguntou:

— Abigail, como você está?

— Otávio!? Estou desolada!

— Me corta o coração vê-la nesse sofrimento. Vou lhe dizer mais uma vez: você precisa largar esse bebê de borracha e procurar um médico. Veja como está a nossa casa... nossa vida... é uma desordem, impossível continuar assim.

— Então, você não sabe que preciso de algo que conforte meu coração tão sofrido? Heitor está morto, não volta mais...

— Essa situação está insustentável. Você precisa de tratamento adequado.

— Otávio, você pode até estar com razão, mas eu não tenho forças... Heitor era tudo para mim.

— Onde está Belinha?

— No quarto, assistindo TV.

— Vou ver Belinha e depois preparar o jantar.

— Vá, Otávio, e fale baixo, o bebê está quase dormindo.

— Que loucura! Meu Deus, por que Heitor teve que partir?

Isabela, carinhosamente chamada de Belinha, tinha cinco anos. Com a partida de Heitor e a chegada do bebê “reborn”, sentiu-se preterida, tornando-se uma criança triste e introspectiva.

— Papai! Papai, você chegou! Veja o que eu desenhei!

— Lindo desenho, filha! Papai vai preparar o jantar.

— Papai, a mamãe vai ficar sempre doente?

— Não, querida, ela vai melhorar, mas vai demorar um pouquinho.

Quando o jantar ficou pronto, Otávio exclamou:

— Vamos jantar!

— Vou pôr o bebê no bercinho. Já dormiu.

— Que loucura, Abigail, isso já foi longe demais. Deus, dai-me forças!

O silêncio imperou durante o jantar. Logo depois, Otávio recolheu a mesa, deu banho em Belinha e a colocou para dormir, e só bem mais tarde, cansado, se deitou.

A situação caótica perdurou por algum tempo e se agravou no dia em que Belinha, na escola, ardeu em febre. Abigail foi chamada à escola da menina em caráter de emergência, mas não compareceu. Foi Otávio quem a pegou e a levou ao médico. A febre, sem causa aparente, causou estranheza, e o médico inquiriu sobre as condições emocionais da criança. Otávio relatou alguns fatos, e o médico aconselhou medidas urgentes sobre a situação da mãe em relação à menina.

Quando Otávio chegou em casa com Belinha, encontrou Abigail na cama com o “bebê”, cantando:

“Frère Jacques,

Frère Jacques,

Dormez-vous,

Dormez-vous,

Sonnez les matines,

Sonnez les matines,

Ding, dang, dong...”

— Por Deus, Abigail! Agora você canta para esse boneco, até em francês? Belinha não está bem. Por que não foi à escola? Precisei sair do trabalho para levá-la ao médico.

— Não vi a chamada, não me culpe. Vou ver Belinha.

— Vá, ela é sua filha e precisa muito de você.

Otávio foi para o quarto, cansado e estressado, pensando na atitude que tomaria após a grave negligência da esposa. Amava Abigail e não tinha intenção de abandoná-la, e havia Isabela. Abigail poderia não suportar mais uma perda, estava muito fragilizada e poderia cometer um ato insano, e ele não aguentaria o peso da culpa e do remorso. Precisava protegê-la.

Então, saiu do quarto e conversou novamente com Abigail, expondo o parecer do médico:

— Peço que amanhã você procure um médico, senão terei que levá-la. Amanhã não poderei levar nem buscar Belinha na escola. Você terá que ir.

Abigail permaneceu muda. A consciência já começava a surgir; percebia que havia falhado gravemente com Belinha. Por fim, concordou:

— Amanhã irei a um psicólogo, cuidarei de Belinha. Lutarei para sair desse sofrimento.

— Você conseguirá, Abigail.

— Você sabe que a dor e a saudade me cortam o coração. Sonho com Heitor quase todas as noites, dizendo que em breve ele vai voltar. O que você pensa sobre isso, Otávio?

— Isso é natural, Abigail, e também reflete seu estado emocional de mãe. Mas vai passar: amanhã você irá ao psicólogo. Vou deitar mais tarde. Boa noite!

Essa conversa definitiva e a decisão de buscar tratamento geraram grande tensão em Abigail. Enfrentar a perda do filho causava-lhe pavor. Após deitar-se, chorou baixinho, depois se acalmou e refletiu sobre sua vida desde a morte do menino. Agora Belinha estava doente; sentia-se responsável. Pensou em Otávio, que após o óbito de Heitor sempre lhe dera apoio incondicional. Mas, ao se apegar ao bebê “reborn”, sentiu que ele começara a fechar as portas da compreensão e da compaixão, as quais sempre abertas para o seu coração. Perdeu o filho, mas não perderia a filha nem o esposo. Mentalmente exausta, adormeceu.

Durante a madrugada, acordou assustada, chamando Otávio:

— Acorda, Otávio! Acorda! Heitor vai voltar!

— Acalme-se, querida. Foi só mais um sonho. Durma.

Pela manhã, no trajeto para a escola, Belinha com ar de tristeza e de incerteza, indagou:

— Mamãe, Heitor vai morar sempre no céu? Ele não vai voltar?

— Vai, Belinha. Não volta mais.

— Mamãe, quero contar uma coisa... eu não gosto daquele bebê; ele não é de verdade, nem vai crescer e brincar comigo. Mamãe, você ainda me ama?

— Eu te amo, filha.

— Não parece, você está sempre triste. Chegamos! Vou descer.

Abigail parou o carro e com os olhos nublados deixou as lágrimas rolares, depois enxugou as lágrimas e refletiu sobre as queixas e argumentos da menina. Belinha também sofria, constatou com tristeza. Ligou o carro e seguiu para o psicólogo. Ali, aguardou por 30 minutos folheando uma revista. Logo, o psicólogo, Dr. José, a chamou para o consultório, indicando uma cadeira confortável. Com uma calma aparente ela sentou-se, porém tinha as mãos trêmulas e geladas.

Após cumprimentá-la gentilmente, o psicólogo esperou alguns minutos para que ela tomasse a iniciativa de falar primeiro, mas isso não aconteceu.

— Então, Abigail, podemos começar. O que aconteceu? Sente alguma dor?

— Sim, minha mente e minhas emoções estão em profundo desequilíbrio.

— Podemos começar pelas emoções.

— Meu bebê faleceu. Não superei a dor da perda e, aos poucos, fui adoecendo e perdendo a vontade de viver. Sinto que perdi o controle de tudo. Preciso de ajuda. No meu desespero, busquei por algo que amenizasse minha dor.

— Entendo. E, você buscou pelo quê?

— Meio ruborizada e até constrangida, ela confessou: — Um bebê “reborn”...

— Abigail, em alguns casos de desequilíbrio, algumas pessoas recorrem a algo que as alivie. É uma atitude recorrente, mas tais recursos apenas mascaram o problema. O enfrentamento da situação é sempre a melhor solução.

— Quando vi tal bebê, não resisti ao ímpeto. Pensava estar agindo certo, e depois parecia tão normal... tão lindo, parece criança real.

— Veja, Abigail, isso não é natural. Nem tudo que se tenta normalizar é bom. Nem tudo que é belo nos convém. É óbvio que cada um sabe de si, mas não se deixe iludir; não confunda sentimento materno legítimo com uma moda de histeria coletiva. Sua escolha mascarou seus conflitos internos e agravou o problema. Mas uma nova compreensão do trauma restabelecerá o equilíbrio. Você vai se sentir bem.

— Reconheço que estava equivocada.

— Quanto à sua perda, algumas ponderações se fazem necessárias: vida e morte são leis naturais que regem a existência dos seres. É imperioso que a gente compreenda e aceite essa verdade. Não temos controle de tudo. Não sou filósofo, sou psicólogo, no entanto devo esclarecê-la: discernimento, maturidade emocional, resiliência e amor à vida são recursos psíquicos que nos habilitam a enfrentar as realidades mais desafiadoras, e a morte é uma delas.

— Dr. José, isso é o que mais desejo. Entretanto, a conquista imediata de tantos recursos parece impossível.

— De fato, Abigail, certas fortalezas demandam tempo para se internalizarem em nossa individualidade.

— Passo noites insones, arrastada por vultuosas ondas de pensamentos sombrios. Minha mente transita na melancolia e paralisa até para as tarefas mais simples. Sou pintora, fechei meu ateliê, perdi inspiração e ânimo.

— Imagino o quão difícil está sendo para você. Já pensou na possibilidade de uma nova gravidez?

— Ah, Dr. José! Não posso mais ter filhos. As complicações do último parto me impedem. Agora só tenho Belinha.

— Ainda assim, sempre existe a possibilidade da adoção...

— É um ato louvável, um testemunho de amor incondicional, sem dúvida, mas tal decisão não caberia somente a mim; Otávio teria que concordar, e não é o momento.

— Certamente, Abigail... apenas ocorreu-me a ideia, por ora, sua prioridade é curar-se da depressão e do apego ao bebê de silicone.

— E o que faço com aquele bebê?

— Livre-se dele. Ele não é seu filho. Você não precisa de uma muleta de silicone. Vou preparar um roteiro para orientar seus passos. E vamos precisar conversar mais algumas vezes; vamos fazer um calendário.

Abigail, recostou-se na cadeira e fechou-se em copas. A princípio não tinha intenção de abandonar o bebê, pensou. Por fim decidiu: sua cura era mais importante, descartaria o boneco.

Quando deixou o consultório, pegou o carro e fez uma análise sumária da consulta. Concluiu que fora positiva: Otávio tinha razão; ficaria curada, resgataria o casamento e a harmonia no lar. Olhou o relógio: hora do almoço. Foi a um restaurante próximo e sentou-se pensando como descartaria a muleta de silicone, pois isso a inquietava. Pensou na família, e num impulso súbito, levantou-se e decidiu voltar para casa. No trânsito revivia os últimos acontecimentos. Lembranças dolorosas afloraram em lampejos acelerados, revelando atitudes enfermizas derivadas de um comportamento inadequado.

Travando uma luta interna, tomada por um desejo irreprimível de pôr fim àquele estado de angústia, murmurou: - não posso mais esperar. É hoje. Agora!

Chegou em casa, pegou um saco de lixo preto, subiu as escadas e foi ao quarto de Heitor.

Retirou o bebê do berço, desmontou-o, colocou-o no saco e o descartou em uma lixeira externa, exclamando com firmeza:

— Adeus, fantasmas da dor e da morte! O tempo fecha as feridas! A vida continua...

Sentindo-se mais leve, foi à floricultura, comprou um grande buquê de rosas brancas e se dirigiu ao cemitério. Depositou as flores no jazigo de Heitor, fez uma prece e solenemente despediu-se de Heitor - consumando um adeus que até então não fora dito.

— Mamãe, você está diferente!

— Sim, querida. A partir de agora somos só nós três: você, papai e mamãe.

— E o bebê “reborn”?

— Não existe mais bebê “reborn”.

Chegando em casa, deu banho na menina e preparou o jantar. No final do dia, Otávio chegou, notou a mudança significativa da esposa e perguntou sobre a consulta. Abigail relatou tudo, concluindo:

— Vida nova para todos nós! De início, não será tão simples, mas é um recomeço que se anuncia...

Belinha, que ouvira tudo, respondeu com satisfação:

— Mamãe jogou no lixo. Morreu...

Diante da cena cômica da menina, Otávio deu risada - E, este jantar? Parece bom!

À noite, antes de se deitar, Abigail, ainda sentiu a necessidade de conversar um pouco mais sobre a consulta que tivera.

— Sabe, Otávio, me senti culpada após o Dr. José me esclarecer como as muletas funcionam no processo de negação e da fuga da realidade, e como nos deixamos levar facilmente por qualquer coisa que nos ofereça apoio, ainda que ilusório. A ilusão nos causa cegueira; a verdade, é que ainda me sinto ridícula por ter adotado tal recurso.

— Querida, ouça, eu compreendo você, mas não se culpe e nem se sinta ridícula por ter deslocado seu instinto materno, para um bebê “reborn”; esse boneco hiper-realista que imita uma criança de colo. Você foi apenas mais uma vítima de um projeto de reengenharia social, deliberado no início do século XXI, objetivando, além do lucro, a substituição dos laços maternos por um objeto de apego. Isso é cruel, mas é verdade. Felizmente você está recobrando a lucidez e não padecerá mais deste mal. Vamos dormir, o dia foi bastante longo. Descanse. Boa noite!

Três meses se passaram. Nesse período, Abigail retornou à clínica quatro vezes. A frequência das crises de depressão e da insônia, reduziu-se consideravelmente, e sua recuperação era visível. Sentia-se mais feliz, compreendia padrões inaceitáveis e expandia seu discernimento e maturidade emocional, enfrentando os conflitos com uma visão mais abrangente e racional. Reabriu o ateliê. Resgatou o casamento e a harmonia no lar.

O Natal se aproximava, e Abigail trabalhava numa tela a óleo.

— Mamãe, faltam quantos dias para o Natal?

— Faltam quinze dias, filha.

— Neste Natal, Heitor não vai estar com a gente, mamãe!

— Verdade, agora ele é uma estrelinha no céu.

O Natal chegou com alegria contagiante. Os avós paternos e maternos vieram à celebração. Antes de servir a ceia, Abigail reuniu todos na sala, pegou a grande tela e deixou cair o pano, revelando um belo retrato de Heitor.

Emocionada, recebeu os parabéns e pendurou o quadro numa parede de destaque.

Após o jantar, Belinha brincava com suas bonecas, quando ouviu um choro vindo da porta e chamou o pai.

— Papai, tem alguém chorando lá fora!

Otávio aguçou os ouvidos.

— É verdade! Vem da porta principal. Vamos ver.

Abriu a porta e, para surpresa de todos, encontrou um bebê chorando dentro de um cesto de vime. Perplexa, Abigail sentiu o coração disparar. Pegou a criança nos braços, emocionada, e disse:

— Heitor voltou! Que noite feliz!

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Atualmente reside em Joinville - SC. Escreve contos, microcontos, poemas e poesias.

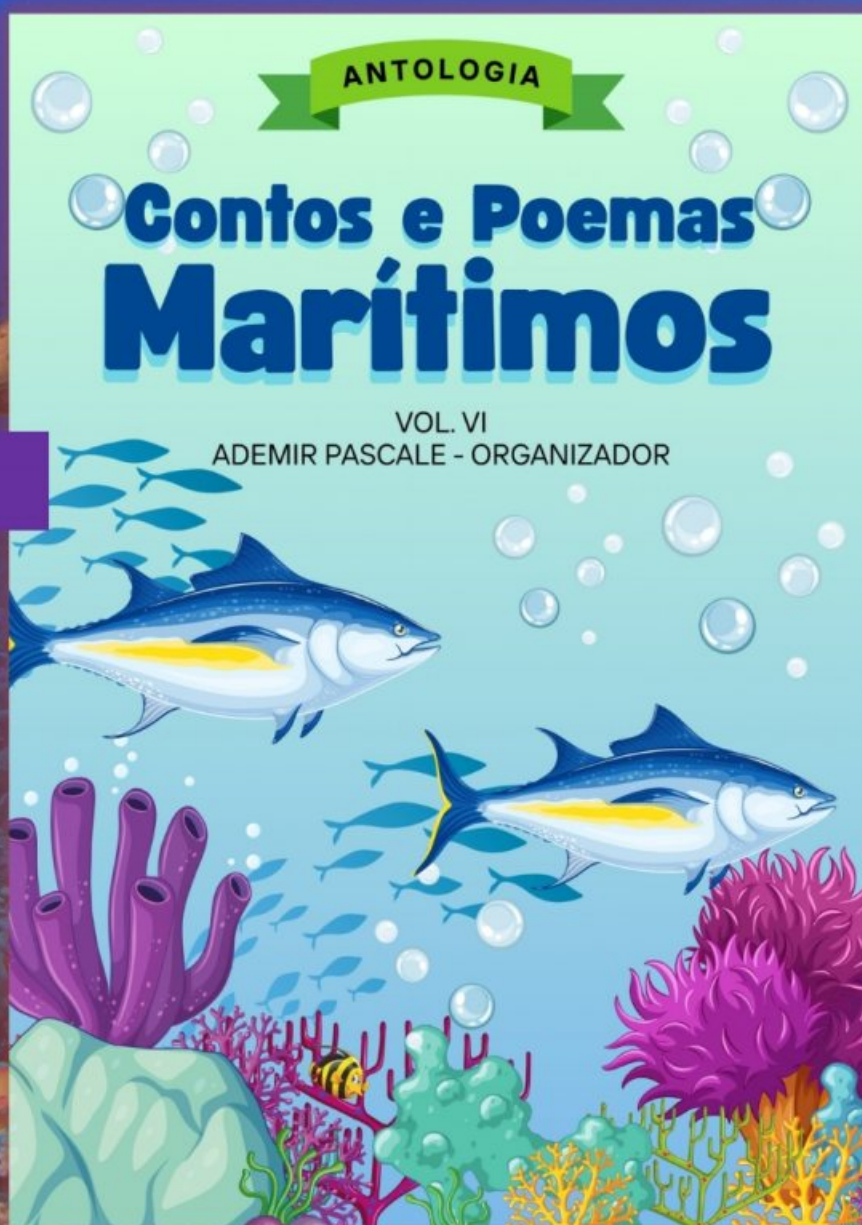
Contato: E-mail: ivana.souzat@gmail.com - Instagram: [ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS MARÍTIMOS

VOL. VI

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)



NAVALHA NA CARNE

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Se o estranho crime que vou lhes relatar agora ocorresse nos dias atuais, decerto ganharia as páginas policiais dos principais jornais do país e dominaria os espaços televisivos dedicados ao cotidiano violento do Brasil multifacetado dos dias modernos.

Era o ano de 1903, e o arrabalde de Lapa, Bahia, composto de duas dúzias de casas, era o ponto preferido para os tropeiros que saíam da cidade de São Salvador e que tinham o destino de Feira de Santana e outras cidades do sertão baiano.

A estalagem de Maria Canabrava, um casarão de doze quartos, construído durante o período dourado do ciclo da cana de açúcar e reformado umas duas ou três vezes, tinha a preferência de nove entre dez viajantes de montaria, face ao bom atendimento; a culinária farta e apetitosa; as camas frugais, porém aseadas, de lençóis limpos e cândidos; e o sorriso largo e afável da anfitriã.

Num certo dia, eis que aparecia um cliente, num início de noite chuvosa, todo trajado de branco: terno branco, camisa branca, sapatos brancos, cinto branco e chapéu branco e que se identificava como Dr. Ariano Vilas-Boas, um político da localidade de Santo Antônio de Jacobina:

— Minha carruagem quebrou a roda, minha senhora, e eu necessito de pernoite para mim e mais dois correlegionários meus — o homem, proprietário de um farto bigode negro e dono de um reluzente relógio dourado de pulso, certamente todo produzido à ouro, se dirigia à dona da estalagem.

— Nós temos apenas três quartos vagos... Desculpe, doutor. Temos apenas dois, o quarto 6 e o quarto 9 — disse Maria Canabrava.

— Sem problema, senhora — disse o político. — Eu durmo em um e os meus dois empregados, dormem no outro.

Dona Maria abriu o riso e disse:

— Então eu recomendo que o senhor fique no quarto 6, que é mais aconchegante e os seus homens ficam no quarto 9, que também é bom, mas é um pouco inferior.

Os empregados e o filho dela Abelardo estavam presentes quando ela atendia o figurão. Era a primeira vez que a casa recebia um cidadão daquela estirpe e aquilo era motivo de orgulho para a dona do estabelecimento.

Bem que Maria poderia se regozijar de todo aquele prestígio que a sua casa de hospedagem gozava naquela região. Mas nem tudo na sua vida era primavera: além do trabalho de administrar praticamente tudo sozinha, ela tinha o fardo de cuidar do filho mais velho (os outros três mais novos estudavam na capital) Abelardo, um rapaz que gozava de boa saúde física, era esbelto, de forte compleição física, mas possuía a mente fraca e passava os dias atazanando a vida dos seus dois funcionários, Juliana e João Jorge, um filho de escravos, além de causar problemas com os poucos viventes do lugar. O sargento Tenório, o único representante da lei em Lapa, recebia mensalmente uma gratificação extra da dona da estalagem para que ele relevasse (e amenizasse) os casos de abuso sexual e pequenos furtos que o seu filho problemático cometia sistematicamente.

— Se o pai dele fosse vivo, sargento, ele já tinha levado esse menino (um rapaz de 28 anos) para tratamento de saúde mental na cidade da Bahia — ela costumava dizer para o policial Tenório.

— Se avexe, não, dona Maria — o policial atenuava. — Enquanto eu estiver trabalhando aqui a gente dá um jeito nos pequenos malefícios que o garoto comete. É a idade. É a idade.

— Sei não, sargento — retrucava a mãe. — Dia desses ele ainda vai me arrumar uma daquelas.

O sargento alisava os longos cabelos negros da mulher, pois além da polpuda mesada que recebia dela, ele ainda cultivava o desejo de compartilhar a cama daquela senhora que carregava o viço da feminilidade.

Pois bem, lá pelas dez horas da noite, Maria pedia a Juliana, sua cozinheira e ajudante, para fechar as portas da pensão e deixar o seu funcionário João Jorge — uma espécie de faz-tudo — como vigia noturno, controlando o acesso dos hóspedes que voltavam tarde da noite através da porta dos fundos. Ela iria para a pequena casa contígua à pensão onde dormia num quarto e o filho problemático no outro.

Em torno das duas horas da madrugada o breu e o silêncio profundo dominavam o arrabalde de Lapa. No âmbito da pensão, a quietude reinava e todos dormiam o sono dos vivos e sonhavam os sonhos dos espectros. Mais ou menos às duas e meia da noite, alguém forçava a tranca do quarto número 6, o que fora reservado ao político de Jacobina. O invasor, seja lá quem fosse, não teve muito trabalho em abaixar a taramela que cerrava o dormitório. Quando ganhou o espaço do quarto, começou a tatear com os dedos as paredes e os móveis na escuridão total do ambiente. Avançava em direção à cama da pessoa que dormia e roncava leve. Tateou um pequeno móvel que ficava ao lado da cama e onde os viajantes deixavam os seus pertences: pistolas, charutos, remédios e carteira ou bolsa de couro com valores. A mão ansiosa que parecia querer afanar algum objeto de valor, começava a tremer pois não conseguia apalpar nada de concreto. De repente, uma mão segurou com força o braço esquerdo do invasor noturno. O invasor tentou se desvencilhar da mão que segurava o seu braço, mas a mão o apertava com extrema força. O invasor, com a mão direita livre, sacou uma navalha que trazia no bolso e riscou a lâmina no braço da mão que o segurava. A mão que o segurava largou, de súbito, o seu braço e emitiu um urro surdo de dor.

Assustado, e vendo que não teria sucesso naquela sua intervenção noturna e criminosa, o invasor tentou evadir do local, mas foi seguro pelos pés pela outra mão da pessoa que gemia de dor em cima da cama. O invasor encheu-se de cólera e partiu de vez para cima da pessoa que segurava o seu pé e que estava sobre a cama, aplicando golpes sucessivos de navalha, até que ele sentir que um jato de sangue explodia na sua face e que a pessoa que jazia na cama estava condenada a jazer no cemitério. O invasor tentou limpar o seu rosto lavado de sangue e buscou sair do quarto com toda a urgência do mundo.

Assim que o galo cantou na chegada da alvorada e o sol lançou os seus raios sobre o horizonte verde da plantação de cana-de-açúcar, os hóspedes da estalagem começaram a sair do seu quarto e se dirigir ao amplo refeitório que se localizava na parte dos fundos da estalagem e onde emanava o vapor com o cheiro gostoso de café quente.

Meia hora mais tarde. O primeiro hóspede, um vaqueiro de Ipirá, procurava a dona da casa para acertar as contas:

— Estranho! Dona Maria não costuma dormir até tarde. Vou chamar ela aqui na casa ao lado — disse a funcionária Juliana.

— Juliana! — gritou João Jorge, o outro funcionário que estava varrendo o corredor naquele instante: está escorrendo sangue aqui de dentro do quarto 6.

Todos que estavam na pensão, inclusive o político e os seus dois assessores, que acabavam de tomar café, correram para ver o que havia acontecido no quarto 6.

O grito que Juliana emitiu, de tão alto e estridente, deve ter repercutido em Feira de Santana. Não era para menos: dona Maria Canabrava, a dona da pensão jazia morta no chão frio do quarto, toda retalhada e expelindo sangue por todos os orifícios.

Meia hora depois o sargento Tenório veio fazer o levantamento do crime. Depois que ele conferiu o livro diário de hóspedes, que dona Maria mantinha na mesa da portaria, ele viu que ela havia reservado o quarto 6 para o político, mas acabou riscando a reserva e transferiu a autoridade para o quarto 3. Excepcionalmente naquela noite ela resolveu dormir num quarto da pensão, e o objetivo era, sem dúvida, preservar a reputação do seu estabelecimento. Quanto ao criminoso, Tenório sabia muito bem quem era e dessa vez ele não iria relevar. Nem poderia.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org



A IMPORTÂNCIA DE SEGUIR AS ORIENTAÇÕES MÉDICAS

POR ATAÍDE MENEZES

Aflita com o recente comportamento do marido, ligou para o psiquiatra particular (é sempre bom ter um, ainda mais nos dias de hoje): “Simplicio perdeu o juízo, doutor Lobo! Está convicto de que é Napoleão.”

O profissional, calejado da hegemonia bonapartista nos casos de delírio, foi à residência e constatou a gravidade do relato. No meio da sala, Símplicio, em uniforme de regimento, a mão direita por baixo do colete branco, a esquerda segurando o chapéu bicorne, discursava para uma plateia imaginária sobre a Batalha de Austerlitz.

“Ele vai adotar esse procedimento três vezes por semana”, explicou dr. Lobo, enquanto hieroglifava uma receita que, traduzida a muito custo, dizia o seguinte: “Escarafunchar o céu noturno durante quinze minutos, preferencialmente a olho nu. Se com o auxílio de instrumentos, recomenda-se luneta de, no máximo, 700 milímetros de distância focal e 76 milímetros de abertura.” E advertiu: “Vamos devagar, numa espécie de tarjapretice homeopática. Sugiro uma observação fugaz da Lua, de um planeta vizinho; depois, quem sabe, de uma constelação acanhada... Em caso de uma provável insubmissão de marechal, dona Maria Luísa, diga a ele, por exemplo, que o firmamento esconde inimigos da França, ou que o Cruzeiro do Sul é o estandarte do Sacro Império Romano-Germânico, qualquer coisa desse tipo. Mas, por tudo o que há de sagrado, não o deixe se abobalhar com o céu, pois os efeitos colaterais podem ser graves.”

Duas noites depois, lá estava Símplicio à janela de seu quarto naquele Castelo de Compiègne da Travessa Paraíba, apontando a luneta para o alto. Submetera-se de bom grado ao tratamento, talvez com ímpeto expansionista sideral. Ao cabo da primeira semana, porém, a mulher percebeu nele um discreto desinflar do ego napoleônico. Animada, aumentou por conta própria o número e a duração das sessões no observatório improvisado.

O marido retornava à normalidade de modo perceptível. Agora, por exemplo, não marchava mais pela casa por ocasião da novela das oito, embora continuasse a imitar tiros de canhão durante a das nove.

Foi quando Maria Luísa, considerando a cura uma questão de tempo, presenteou Símplicio com duas coisas: uma luneta de maior alcance e um atlas de astronomia repleto de lonjuras intransponíveis. E o homem, cada vez mais interessado, se revezava entre livro e instrumento.

Certa madrugada, ele estacou diante de uma foto intitulada “Pálido Ponto Azul”. Era a Terra, partícula de poeira vista pela sonda Voyager I, seis bilhões de quilômetros entre ambas, informava o atlas.

Aflita tal qual na vez anterior, Maria Luísa ligou para o psiquiatra: “O senhor precisa vir rápido, por favor. Ele está afirmando que encolheu, que virou um bóson de Higgs.” Com vergonha por ter ignorado a autoridade da medicina, a mulher confessou a compra livro e o uso diário da luneta mais potente – e detalhou como tudo isso enfeitiçara o companheiro, que corria à janela do quarto mal chegava o crepúsculo. Na outra ponta da linha, dr. Lobo soltou um palavrão impublicável nesta crônica.

“Como você está, Símplicio?”, perguntou o médico ao entrar no aposento. O outro fechou o atlas astronômico e disse: “Cheguei à conclusão de que nosso planeta nada mais é do que uma insignificante Ilha de Santa Helena, doutor, lotada de Napoleões. Por outro lado, encolhi tanto observando o universo que redescobri a vastidão do nosso mundo.”

“Fez uma pausa e completou: “Não se preocupe, estou lúcido e feliz. Até arrumei amizade com alguns quarks e léptons.”

A saída da residência, o psiquiatra informou a Maria Luísa: “Eu ia sugerir a contemplação diária de uma colônia de ácaros num microscópio para ele se sentir maior que algo, mas não sei se isso ajudaria a esta altura do campeonato.” E desabafou: “Pelo amor de Deus! Custava seguir minhas orientações?”



Ataíde Menezes é um cronista brasileiro reconhecido pela escrita irônica e levemente absurda, que transforma episódios banais do cotidiano em pequenas fábulas filosóficas. Premiado em concursos literários e com textos distinguidos por júris e leitores, construiu uma obra em que o humor nunca é gratuito e a estranheza funciona como método de revelação.

Suas crônicas partem, em geral, de uma observação mínima — um gesto, uma notícia curiosa, um detalhe doméstico — para desembocar em reflexões inesperadas sobre o tempo, a linguagem, a moral e as manias humanas. Entre o realismo atento e o nonsense discreto, Menezes cultivava uma prosa limpa, de ritmo calculado, em que o riso serve menos para aliviar do que para inquietar. Recentemente publicou o livro *Três perus metafísicos* e outras crônicas, pela Editora Urutau.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



ERA UMA VEZ UM CHAPÉU-DE-SOL

POR ROBERTO SCHIMA

*Omoi doori ni naranai yume wo
 Nakushi tari shite
 Hito wa kayowai kayowai mono desune
 Sorede mo mirai tachi wa
 Hito machi gao shite bobaemu
 (Ai San San - Misora Hibari)*

Era uma vez uma pequena árvore à beira-mar.

Paupérrima, raquítica e judiada... Pobrezinha! Na visão dos poetas, dir-se-ia tratar-se da personificação da solidão e do infortúnio. E, talvez, apenas talvez, estivessem longe de exagerar; quiçá, pelo contrário, como as linhas seguintes deverão testemunhar.

Em verdade, eu próprio ainda custo a compreender.

Ela, a árvore, era toda tortinha feito um idoso de noventa anos, como se suportasse o peso de séculos, embora, suspeito eu, devesse ser relativamente jovem. Todavia, para quem quer que se dignasse a lançar um mísero olhar sobre ela, concluiria ter o destino traçado suas linhas desde o princípio sem prometer nada de bom.

Ficava na beirada de um barranco arenoso, entre a praia e a Av. Dr. José Peixe Abade, na altura da Rua Itaguaçaba, mais ou menos a quatro quilômetros do centro de Itanhaém, cidade do litoral sul paulista.

Pela pesquisa que fiz recentemente, sua espécie possui diferentes nomes populares, a depender do país ou da região, porém, um único nome científico: *Terminalia catappa*. Diz alguma coisa para você? Duvido! No entanto, para mim, sempre a conheci como chapéu-de-sol. Um nome mais apropriado, pois, quando desenvolvida normalmente, a árvore estira sua densa copa para os lados através de grossos galhos horizontais, e, somada às folhas grandes e ovóides, fornece uma sombra generosa e refrescante como um gigantesco *sombrero*. Diz-se poder alcançar até trinta e cinco metros de altura. E, abraçando-se o tronco de casca escura e escamosa, as mãos sequer conseguem se encontrar.

Todavia, na borda do barranco, a arvorezinha mal chegava a quatro metros. Sua copa, em vez de exuberante, era pobre em folhagem e esparsa feito uma cabeleira batida pelo vento. Quanto ao tronco retorcido e inclinado em direção a terra, seu diâmetro podia ser facilmente envolvido por um único braço.

O pequeno chapéu-de-sol fora plantado em uma pequena elevação diante da praia e do oceano. Caso tivesse podido se desenvolver, teria contribuído para a formação de um cenário idílico. Contudo, nunca chegara a crescer conforme a sua natureza. A ventania frequente e o solo pobre em nutrientes moldaram-no em uma caricatura esfarrapada, principalmente no outono sob o céu cinzento quando, despojada de suas folhas, tronco e galhos apontavam de forma ameaçadora na direção oposta ao mar.

Devido ao aumento no nível dos oceanos, pouco a pouco, nas marés altas, as ondas desgastaram o barranco, auxiliadas pela chuva a ponto de, não bastasse as infelicidades descritas, metade das raízes da árvore ficaram expostas, quebradas, inúteis. Não precisaria ser Einstein para adivinhar que, cedo ou tarde, o chapéu-de-sol tombaria. Apesar de tudo, um de seus galhos retorcidos até serviu de base para um corajoso João-de-barro erguer seu abrigo, porém, pelo abandono do ninho, devia ter entregue os pontos

e buscado por plagas mais amenas. A grande dúvida que ficou foi saber onde o pássaro arranjava lama perto do mar.

Seja como for, motivo maior de admiração era a bravura do chapéu-de-sol, sua persistência, teimosia, vontade de viver diante da intempérie. Ou, para utilizar um termo que se tornou moda nesta época, "resiliência". Sim, tratava-se de uma arvorezinha bastante resiliente.

Resta, todavia, a questão: admiração por parte de quem?

Essa é, pois, a história que pretendo contar...

Chamava-se Shimatsu.

Era um velho residente de Itanhaém.

E admirava sobremaneira o pobre chapéu-de-sol.

Em sendo um japonês imigrado para o Brasil na década de 20, amava o mar. Fizera de tudo para morar próximo ao litoral. Custara muito para ele, pois, a princípio, trabalhara em plantações de café e arroz no interior paulista. Depois, na capital, tornara-se operário de fábrica, motorista e comerciante. O sonho afigurava-se um luxo, mas permanecera vivo durante anos, ainda que, por vezes, tão tênue quanto uma brasa prestes a se apagar. Demorara praticamente uma vida, mas, enfim, conseguira concretizá-lo após se aposentar.

— Shiawase ka dou ka wa, jibun shidai de aru — *costumava falar aos seus botões.*

Vários patrícios ficaram apenas na ilusão e pereceram sem nada realizar.

De manhã, pouco antes do sol nascer, titubeante, costumava caminhar até a praia. Regozijava-se diante da frescura da brisa, do alvoçoso de aves madrugadoras, do derradeiro brilho das estrelas, da quietude quebrada por seus passos e — a medida em que se aproximava da praia — do som cadenciado das ondas. O alvorecer sobre o mar era um espetáculo à parte e fazia compensar todo o esforço. Havia algo de solene a medida em que o dourado emergia do horizonte, a substituir a escuridão e dar-lhe toques cada mais mais pronunciados de azul. De ofegante, aos poucos a respiração se acalmava. O espírito recuperava a harmonia.

Sentir a água gelada nos pés, inspirar a friagem e observar o oceano perder-se de vista fazia-o viajar mentalmente até sua terra natal, quando, menino, corria pelas praias de Amami Oshima à procura de conchas e tesouros afins. Recordava-se vagamente das montanhas cobertas pelas florestas, dos infundáveis campos de arroz e cana-de-açúcar, dos barcos pesqueiros, do cultivo de ostras. Por bastante tempo imaginara-se retornando à Terra do Sol Nascente, ao lar dos *kamis* e *yokais*. Entretanto, como tantas outras coisas na vida, esse pensamento diluira-se no macaréu da realidade.

— Voltar para que? O Japão de minha infância atravessou uma dolorosa guerra e não existe mais, exceto em meu coração. Cidades arderam sob bombas incendiárias. Centenas de milhares pereceram. A maioria dos parentes morreu pela artilharia ou pela idade. Aqueles que por ventura restam, sequer se lembram de mim, assim como eu próprio não mais os reconheço. Sequer me recordo do dialeto de Amami devido a convivência com os imigrantes de Kyushu. O que resta? O som da rebentação, o soprar

da brisa, o eco longínquo de vozes, imagens borradas e um dolorido persistente na alma. Sombras de um passado para sempre perdido.

O Sr. Shimatsu foi moldado pelo sentimento de estar sempre entre dois mundos sem fazer parte de nenhum deles.

Em um limbo.

Em uma corda bamba.

Em uma beirada de precipício.

Cansara de ouvir dizerem para ele:

— Abre os zoio, japonês!

— 'Tikutuku Katakura!

— Pingulim pititicooo!

— Japonês, calabrés...

— Fujiru Nokombi!

Sem mencionar a "bendita" trilha sonora do seriado Nacional Kid:

— *Nashonaru Kiddo... Kiddo! Nashonaru Kiiddooo!*

"Perdido", sim, essa era a palavra. Sem chão, sem rumo, sem prumo, sem porto seguro.

Suspirou.

O dolorido.

A melancolia.

Tanta coisa mudara, assim como aquela orla estava em contínua transformação. Quando fora residir na região, embora uma avenida figurasse nos mapas locais, margeando a praia, o lugar era pouco mais do que uma trilha entre as casas e o matagal, entrecortada por coqueiros, arbustos, vegetação rasteira, mato alto e chapéus-de-sol. Mais próximo ao centro da cidade, aí sim, havia calçamento, ciclovias, guias, bancos, grama aparada e iluminação pública. Tudo bonitinho para agradar aos olhos dos turistas. Mas não na altura da arvorezinha.

Mas, convenhamos, o Sr. Shimatsu, no fundo, preferia assim.

Os carros dos turistas evitavam trafegar por ali, caso contrário, atolariam na areia. E, mesmo que fosse possível, alguns trechos sequer possuíam a largura suficiente para um automóvel passar. Assim, era mais privativo, mais sossegado, mais intimista. Pairava uma atmosfera agreste, aprovada por quero-queros, corujas buraqueiras, carcarás... e o nipônico idoso.

Sempre que caminhava de sua casa a três quarteirões dali, próxima a uma linha de trem, até o mar, o Sr. Shimatsu devotava algum tempo a admirar o mirrado chapéu-de-sol. Era algo solene, uma reverência, quase uma espécie de ritual. Em sua mente, dava à árvore atributos humanos: coragem, persistência e resignação. Também percebia a solidão da planta perante a intempérie: o vendaval, a chuva, a inclemência do sol, as tempestades, a maresia e o avanço contínuo das ondas. Tal consciência fazia-o refletir e suspirar.

Alguns diriam ser um sintoma da idade e o reflexo de seu próprio isolamento perante uma terra estranha, não obstante as décadas vividas no Brasil. Sentimento que se realçara após a perda da esposa, Mitsuko, e da fiel cadela, Loba, com a qual costumava passear — ou ser arrastado — todas as manhãs por ali. Quanto aos filhos, fazia tempo

que cresceram e seguiram seus próprios caminhos em outras cidades com suas próprias famílias. Então, era ele, o mar e o pequeno chapéu-de-sol.

Em meio aos seus pensamentos, ouvia repetidamente Misora Hibari, a grande dama da música japonesa, a cantar *Ai San San* na ultrapassada vitrola na sala. A letra e a melodia contribuíam para carregá-lo a locais longínquos tão familiares e nostálgicos quanto inalcançáveis. E, em melancolia, suspirava.

E a vida continuava a seguir seu curso; bem como o destino, a traçar suas linhas.

Tudo parecia indicar que iria durar para sempre, até ele perceber, conforme diria uma velha canção do Legião Urbana que "o pra sempre, sempre acaba"...

Por maior que fosse seu desejo de viver perto do oceano, chegou uma época em que, por questão de saúde, o velho precisou se ausentar. Embora houvesse um grande hospital público na cidade, construído no local da antiga rodoviária, por razões que a própria razão desconhecia, não atendia à população local, fosse por falta de médicos ou por motivos obscuros os quais ninguém fazia questão de esclarecer e, muito menos, resolver. Assim, viu-se forçado a ir temporariamente para o interior, em uma das cidades nas quais trabalhara durante a juventude e cujo atendimento médico sabia ser eficiente. Alugou uma casinha e por lá ficou durante quase dois anos.

Recuperado, retornou ao litoral.

Foi, então, tomado pelo espanto.

— Mas, que porcaria fizeram aqui?

Surpreendeu-se ao reparar no quanto a praia mudara. Torceu o nariz.

— *Kuso!*

Finalmente, as obras de pavimentação alcançaram aquele trecho da praia na altura da Rua Itaguaçaba. Árvores foram derrubadas ou remanejadas; o matagal, arrancado. A avenida fora aberta, apagando o clima agreste, a privacidade e a serenidade. Inclusive para desgosto dos donos de alguns imóveis que, irregularmente e durante vários anos, tinham isolado com cercas-vivas os trechos entre suas propriedades e o barranco como se uma extensão de seus terrenos fosse. Foi tudo posto abaixo. A abertura da avenida trouxe hordas de turistas cujos automóveis, agora, empilhavam-se rente as calçadas. Faziam piquenique no gramado do barranco, violentando a paz dos moradores com suas algazarras, sujeiras e pavorosas cacofonias, eufemisticamente chamadas de música.

Ao dar por falta de diversas árvores, apreensivo, o idoso dirigiu-se depressa até o ponto do barranco onde se achava o pequeno chapéu-de-sol. Congelou, rosto distorcido numa careta.

— Não!!! — gemeu o Sr. Shimatsu. — *Sore wa hontōde wanai!*

De fato, a arvorezinha não estava mais lá. Entretanto, ao contrário de seu temor, não fora por culpa das obras, embora o resultado tenha sido o mesmo. O mar, afinal, vencera a guerra e erodira o barranco na altura onde o raquítico chapéu-de-sol se assentara. Tudo o que restava era o tronco torto, morto e quase sem casca caído na areia, meio enterrado na duna.

— Não... Não... Não...

Inevitável — ainda que melodramático a olhares alheios — foi o sentimento de pesar e uma dor quase física a atingi-lo no peito. Mais do que nunca, teve consciência de não mais pertencer ao mundo atual, onde tantas modificações ocorreram e teimavam a acontecer perante seus olhos, e, no geral, para pior. Os comerciantes estranhavam quando, ao indagarem se o pagamento seria através de cartão, ele respondia jamais ter feito isso. Sempre pagara em dinheiro. PIX? Piorou. Do que podia recordar dos netos, "piques" era o lugar onde as crianças estariam a salvo nas brincadeiras de pega-pega ou esconde-esconde. Computador era um bicho de sete cabeças; *smartphone*, um mal necessário e só para o uso básico. Inteligência Artificial? Seria a pá de cal para o já decadente raciocínio natural? Tecnicamente, o mundo evoluíra demais, na proporção inversa em que a sociedade aparentava ter se degradado, tornado-se mais rude, desrespeitosa, individualista e burra. Qual era a frase que lera outro dia? "Em tempos estúpidos, a estupidez é considerada virtude". Não, seu mundo não era mais aquele.

Com a sensação de areia a faltar sob os pés, o idoso Sr. Shimatsu caminhou em passos hesitantes até o pé do barranco, descendo por uma trilha irregular, cuidando para não tropeçar. Chegou perto do que restara do mirrado chapéu-de-sol, o tronco morto e ressequido, ciente de que, cedo ou tarde, o mesmo mar que corroera o solo das raízes cuidaria de eliminar todos os vestígios de que, um dia, ali vivera uma corajosa arvorezinha, bem como o seu significado a um velho imigrante.

— *Sore wa zan-nen!*

Ruminou os pensamentos. Respirou fundo. Por fim, decidiu-se.

Do tronco quase despido da casca escura, arrancou alguns fragmentos, bem como pedaços de galhos, uma porção de barba-de-velho e, do barranco, um punhado de areia onde, outrora, as raízes se fixavam. De volta a sua casa, colocou tudo em um potinho de vidro de tampa preta — guardar embalagens e frascos vazios era uma de suas diferentes manias. Feito isso, admirou o conteúdo, derradeiro vestígio de uma bravura indomável.

A partir daquele dia, o ancião deixou de ir à praia. No pequeno quarto transformado em escritório, passava o tempo a observar o interior do vidro, os detalhes das cascas, o líquen embranquecido, o chumaço de barba-de-velho, os fragmentos de galho, a camada de um centímetro de areia sobre a qual se depositaram. Para ele, não se tratava somente de um vidro. Através dos olhos da mente, via a árvore fustigada pelo temporal, sobre o pano de fundo de um céu cinzento e um mar tenebroso. Via o aspecto desmilinguido e torto do chapéu-de-sol, moldado pela força do vento, metade das raízes para fora do barranco. Via a si próprio temer pela sorte da árvore. Projetava no chapéu-de-sol as agruras de sua existência, identificava-se com ele, via-se nele, sofria com ele.

Chapéu-de-sol.

A ventania.

O oceano.

A praia.

E ele.

A esta altura, dou-me conta de não me ter apresentado.

Eu sou sobrinho-neto do velho Sr. Shimatsu.

Meu nome? Ah, não vem ao caso.

Pois o foco é ele, não eu.

Sou só o narrador.

Para ser sincero, eu e ele nunca fomos próximos. Por essa razão, estranhei sua ligação, pedindo-me para ir visitá-lo. A princípio, julguei ser um trote, pois mal me recordava dele. O Sr. Shimatsu nunca fora receptivo a convenções sociais. Certa vez, queixara-se a um parente comum que as pessoas morriam tanto de saudade dele que só se lembravam de sua existência nos feriados prolongados.

— Sentem tanto a minha falta — dissera, sarcástico — que a primeira coisa que perguntam é: "Onde é a praia?" E se mandam para lá.

Até o dia em que esbravejara:

— Querer saber do meu diabetes, ninguém tá a fim. Mas pra tirar proveito, até fazem fila!

Não posso dizer que não tivesse lá sua cota de razão. No entanto, tampouco contribuíra para torná-lo uma figura popular. Gradualmente, fora posto de lado. Conforme dizia o provérbio: "Para se ter amigos, é preciso ser amigo". Ao que, provavelmente, o velho retrucaria com outro ditado: "Antes só do que mal acompanhado".

Dessa maneira, não foi sem uma dose de apreensão que viajei para encontrá-lo. Ao revê-lo após nem sei quantos anos, sequer soube como me dirigir a ele. Você? Tio? Sr. Shimatsu?

— Como está... Hum... Como está?

— Desta pra pior — respondeu sem rodeios. — Preciso de seu serviço pra inventariar o que tenho.

— Como assim?

A bem da verdade, o Português dele era enrolado, entremeado de palavras ou frases em japonês. Quanto a mim, francamente, desde criança tive preguiça em aprender o idioma dos antepassados. Sei o que todo mundo sabe, inclusive os *gaijin*: *sayonará*, *arigatô*, *gohan*... Mal e porcamente, pude compreendê-lo, embora procure descrever aqui da melhor maneira, preenchendo os espaços em branco conforme a minha imaginação. Assim, digamos que ele falou de forma coerente e rabugenta:

— O que acha? Você é advogado, não é? Necessito de sua ajuda. Houve uma época em que eu não acreditava que viveria até os quarenta anos. Nem consigo imaginar como, hoje, alcancei mais do dobro disso. Em outros tempos, eu seria largado no meio de uma floresta, conforme faziam em Aokigahara. Ou, como ocorre ainda hoje no Japão, seria um dia encontrado dentro de casa após anos do falecimento, *kodokushi*. Por aqui, fazem as coisas de um jeito mais sutil ou hipócrita, alojando os idosos em depósitos chamados asilos. Prefiro partir de modo mais organizado e a minha maneira...

Não se dirigiu a mim como "doutor", ainda que, excepcionalmente, eu tivesse doutorado de fato. Tampouco discutimos honorários. Ele só salientou que eu seria bem recompensado. E eu que, apesar do desleixo em relação à cultura nipônica, meio que herdara o apreço do povo japonês pela figura da autoridade, acatei suas palavras sem nada discutir.

Apesar do tratamento de saúde, meu tio-avô tornara a se debilitar. No entanto, dessa vez não se encontrava disposto a sair do litoral. Menos por não se sentir capaz de se locomover até o interior novamente — embora caminhasse de forma trôpega, corpo arqueado — e mais por uma certa resignação diante do inevitável, pelo que pude deduzir. Creio que se cansou do fardo da vida, e os sussurros do passado falaram mais alto em seus ouvidos. Todavia, não parecia disposto a dar cabo da própria vida numa espécie de *harakiri* ou *seppuku*, o que recebi com alívio.

— Não tenho essa estirpe — assegurou, com certo pesar. — Não sou um Yukio Mishima e nem sou capaz de compor um *jisei*. No máximo, eu diria: "Fui!" Sim, é um bom epitáfio. Tampouco, creio, você teria estômago para ser um *kaishakunin*.

Procurou me explicar seus sentimentos. Como todo idoso, desatou a falar sobre o passado, a juventude, os arrozais, as flores de cerejeira, seus sonhos, a vida em geral. Não entendi tudo porque, além do forte sotaque, vez ou outra despejava uma algaravia em japonês. Em dado momento, ele sussurrou:

— Solidão é bater na porta de uma casa amiga e não ser atendido, embora sabendo haver gente dentro dela.

Franzi a testa e fixei meu olhar sobre ele. Meu tio-avô, entretanto, desviou o rosto sem entrar em detalhes. Referir-se-ia aos parentes? Alguma outra pessoa? Ou seria um sentimento mais amplo, de um imigrante distante de sua terra natal por longo tempo, sem jamais se sentir um nativo na pátria de adoção?

— Perto do fim, você descobre que a vida é uma grande piada — continuou o idoso. — Durante a juventude faz inúmeros planos, porém, não consegue concretizá-los por estar ocupado na lavoura ou na fábrica, criando os filhos e tudo o mais. Mas após se aposentar, não tem mais saúde, paciência, cabeça ou motivação em realizá-los. E tudo o que planejou vai para o ralo. Sim, uma grande piada... sem graça!

Nunca tive vocação para divã — embora a profissão o exigisse —, assim, tentei abreviar minha estada ao máximo. Ele ofereceu um canto de sua casa para eu me acomodar e dormir. Supus que fosse mais por educação do que por vontade própria, dada sua tendência ao isolamento.

— Estou hospedado em uma pousada — menti. Menos para agradá-lo e mais por querer manter alguma distância dali. — Obrigado, senh... Obrigado.

Felizmente, não era temporada. Encontrei vaga em um pequeno e aconchegante hotel na desembocadura do Rio Itanhaém, onde a vista era belíssima, talvez, a mais bonita da cidade. Pena não estar no papel de turista. Ainda assim, passei uns minutos agradáveis a observar o luar sobre o mar, enquanto pensava no meu velho tio-avô. Sob a escuridão do firmamento e a extensão do oceano à minha frente, pude compreender o apreço dele pelo lugar. O chamado do mar estava no sangue, disso tive certeza, principalmente ao comparar com o meu dia a dia atribulado no centro de São Paulo. O quebrar das ondas, mais do que um sussurro, era um convite.

Na manhã seguinte, em dado momento, encontrei-o em seu escritório, cercado por estantes empoeiradas e centenas de livros japoneses. O paraíso dos ácaros. Cocei o nariz,

esforçando-me por não espirrar. O velho debruçava-se na escrivaninha, segurando algo entre as mãos enrugadas. Eu precisava de sua ajuda na elaboração do inventário, todavia, ele, enquanto parte interessada, mostrava-se avoadado. Então, meio irritado, indaguei:

— O que o senhor tá fazendo?

— O que você vê aqui?

— Ora, um vidro!

Respondi de forma mais petulante do que pretendia. Em seguida, forcei-me a soar gentil:

— Não é isso?

Ele sorriu sem vontade. Falou, ou melhor, declamou:

— Eu vejo os oceanos estendendo-se do Brasil até as ilhas japonesas. Sinto a areia macia da praia sob os pés. a brisa e o sol em meu rosto. Observo as nuvens brancas no céu e, além, outras cinzentas, cada vez mais escuras. Oh! Ouço trovões... Ah, vejo os relâmpagos! Chove torrencialmente. O Noroeste faz as vegetação farfalhar, enlouquecida. E uma árvore pequena, retorcida e solitária enfrenta a tempestade e o mar bravio com dignidade numa batalha perdida... Sim, sim... Ela tem ciência disso, mas desafiar as adversidades é tudo o que lhe resta.

E o falatório prosseguiu... Jesus! Menos um diálogo e mais um monólogo. Eram verdadeiras viagens a cenários distantes ou abstrações de sua mente, coisas que apenas ele enxergava e sentia, como um criador de dioramas a apreciar sua obra. Tomaria narcóticos? Eu já ouvira falar em meditação *zen*, ondas alfa, estados alterados da mente, caduquice, esquizofrenia, coisas assim. Alguns monges passavam horas diante de uma parede, olhos cerrados, concentrados num ponto imaginário. Eu nunca tive paciência sequer para jogar paciência!

É duro confessar, porém, mesmo que eu tenha um diploma universitário, bacharelado, mestrado e doutorado, ficou claro que meu tio-avô, sem um estudo formal, era alguém com uma percepção mais profunda do que eu. Não se tratava apenas de experiência de vida. Perto das dele, as minhas reminiscências e reflexões não passavam de prato raso. Quando muito, eu nutria saudade da época em que flocos de milho e doces de venda davam brinquedos de brinde, groselha possuía a densidade do mel, leite era leite de verdade e margarina tinha sabor. Eu sei, eu sei... Sempre considerei a gula o pecado mais saboroso.

E ele continuou meio que nem um disco riscado em uma vitrola:

— Vejo a inutilidade dos sonhos dela em ser uma árvore frondosa, de copa luxuriante, cheia de orgulho e de autoconfiança. Outrossim, alquebrada pelo destino. E, no entanto... *Sugoi!* Quanta coragem! Quanta determinação! Suportou valorosamente o quanto pôde até, enfim, tombar perante o inimigo invencível, desmantelada, ressequida, morta. Toda sua história, sua luta e seus sonhos teriam se perdido completamente como se jamais houvessem existido não fosse por este vidro. Enquanto ele persistir, a memória do chapéu-de-sol não morrerá. Sua existência não terá sido em vão.

Finalmente, calou-se e tornou a mergulhar para o interior do frasco, ignorando-me.

Senti-me largado num canto feito um trapo velho. Um tanto insultado, mas também apiedado pela evidente emoção que tomara conta do ancião, sai da casa a

pretexto de respirar ar puro. Ele não esboçou reação. Abanei a cabeça e franzi o cenho, pensando com meus botões: "Caduco!"

Meio sem pensar, caminhei até o local onde, segundo orientações dele, vivera o tal chapéu-de-sol.

Apesar da maré estar baixa, a areia encontrava-se lisa e úmida próxima à base do tal barranco. Sim, a água conseguia chegar até ali. Havia, inclusive — algo que meu tio-avô omitira — os restos de um muro de contenção que, obviamente, fora incapaz de deter a força e a insistência das ondas. O mar avançara, devorara, erodira. Cedo ou tarde atingiria o calçamento novo da avenida, a própria avenida e ameaçaria as casas mais próximas, conforme ocorria em Atafona, disso não tive dúvida. Aquecimento global, efeito estufa, mudanças climáticas ou seja lá que nome quisessem inventar. Nem por isso deixaríamos de utilizar automóveis e poluir a atmosfera. Pagávamos para ver e, eventualmente, a conta chegaria.

Avistei o tronco do chapéu-de-sol parcialmente enterrado na areia. Não me chamaria alguma atenção alguma não fosse pelo relato do velho. Era somente o resto de uma árvore morta. Nada mais. Não senti nada. Ao contrário dele, não havia em mim qualquer vínculo emocional por aquilo além de uma pitada de curiosidade. Pus-me a imaginar os arredores sem a avenida e a calçada, tomado pela areia, pelo matagal e por outras árvores. A modernidade chegara, estava bonitinho, e, ao passar um veículo a tocar um lixo de *funk* no último volume, entendi a menção do velho sobre o término do sossego dos moradores. Essa praga pululava na capital feito varejeiras ao redor da carniça.

Fui mais atraído pela visão do mar esverdeado, das ondas, da espuma, do céu encoberto, do cinza das nuvens e de algumas gaivotas a grasnar e a voar rente às águas. Ao menos nisso eu e o idoso tínhamos em comum. Como ele, eu também sonhava em residir no litoral.

Felizmente, apesar do carro dos maloqueiros, não era época de temporada. A praia estava quase vazia, a exceção de alguns idosos caminhando, um ou outro pescador. Caminhei um pouco perto da rebentação, sem me importar com o ridículo de estar de roupa social e calçados. Falando sério, afrouxei a gravata, tirei os sapatos e as meias. Enrolei as pernas das calças para não molhar, amarrotando-as no processo. "Processo"... Por que tive de pensar naquela "bendita" palavra? Não era de agora que andava insatisfeito com a profissão, farto de clientes dscontentes, da pressão das audiências, dos prazos, das leis, artigos, parágrafos ou incisos. Achava-me saturado do *vernaculorum embromatorum* que cercava o meio, um mundaréu de retórica empolada para encobrir a carência de conteúdo. Estava de saco cheio de colegas trapaceiros, das mentiras que via pela frente e daquelas que eu próprio inventava a fim de contornar a legislação. E quanto aos juízes que se achavam deuses? E aqueles que tinham certeza disso? Afff! Enquanto molhava os pés, comparei o meu dia a dia habitualmente estressante da cidade grande com a vida simplória do meu tio-avô. Irônico, perguntei-me em voz alta:

— Quem é o caduco afinal de contas?

Mal podia imaginar ter a minha sanidade posta à prova em breve.

A coisa aconteceu quando, renovado, retornei para a casa do velho Sr. Shimatsu.

Pretendia terminar meu trabalho, passar no cartório e tomar o rumo da serra. Continuava a não me sentir à vontade sobre a maneira de chamá-lo.

— Alô? — falei, meio estupidamente.

Estranhei a porta aberta, depois o silêncio, quebrado apenas pelo cantarolar de um sibite, passarinho colorido e irrequieto. Desconfiado e cauteloso, peguei um pedaço de pau a título de porrete. Ladrões de galinha eram comuns no litoral. Examinei cada aposento, cada canto e nem sinal do idoso ou de intruso. O que teria acontecido? Além da idade avançada, em razão do diabetes, ultimamente, meu tio-avô ficava quase restrito à residência e arredores. Procurei e procurei pelos quarteirões vizinhos sem conseguir encontrá-lo. Preocupado, perguntei a uma caseira daqui, um proprietário dali, um pedreiro acolá. Percorri a linha de trem de um sentido a outro. Cheguei a ir até a uma mercearia situada na via principal, a vários quarteirões dali, cuja dona, chamada Zezé, deu um meio sorriso e indagou espantada:

— Você é parente do maluquinho?

Meio sem graça, fiz que sim com a cabeça.

— Ora, essa é boa. Nem imaginei que o japa tivesse algum!

Pelo visto, a fama de lunático e eremita não vinha só dos familiares.

Voltei para casa.

— Tio! — gritei por fim, encontrando um meio de tratá-lo. — Tio!

Nada.

Até o sibite se calara.

Foi quando voltei para o escritório.

Algo chamou a minha atenção para a escrivania.

Sobre ela, atentei-me ao famigerado pote de vidro com a tampa preta.

Ao tocá-lo, estranhei: estava gelado!

— Mas que diacho...

Da primeira vez, apesar de todo o falatório do velho, não chegara a observar minuciosamente o seu interior. Era só pau e areia! Agora, porém, detive-me a olhar as cascas ressequidas, o líquen, a porção de barba-de-velho, os fragmentos de galho, e, por fim, a areia fina...

— Mas o que?... A-a-a areia!

Meus olhos se arregalaram. Por pouco, as mãos trêmulas não deixaram o frasco espatifar-se no chão em um milhão de cacos. Não caiu, todavia, foi o suficiente para o conteúdo se misturar numa lambança só.

— Não! Não! Não! — lamentei, maldizendo meu jeito desastrado. — Mas que droga!

No entanto, fora tão inevitável quanto o vai e vem das ondas.

Mas, eu sabia, eu tinha certeza!

Eu vi o que vi.

Infelizmente, agora, não teria como prová-lo às autoridades quando fosse relatar o sumiço. Melhor assim. Nunca acreditariam, colocar-me-iam numa camisa de força, e, com toda certeza, berrariam em meus ouvidos:

— CADUCOOO!

Quem iria culpá-los?

Cá estou eu, mais calmo, embora ainda incrédulo.

Digo a mim mesmo: "Juro que vi!"

Sim, eu sei o que vi.

"Viu mesmo?"

— SIM!

A título de epílogo, devo acrescentar. Havia um bilhete de meu tio-avô na escrivania, uma garatuja quase incompreensível. Deixara-me a casa com a condição de eu entregar seus livros à biblioteca nipo-brasileira na Liberdade. Assim procedi. Instruí-me a remeter alguns volumes manuscritos para uma entidade cultural em Amami Oshima. Estavam em *nihonjin*, e suspeitei serem de sua autoria. Quisera ter tempo de traduzi-los antes, entretanto, na confusão que se seguiu, enviei-os sem pensar. Agora, arrependo-me de não os ter digitalizado. Sobre o que seriam? Passarei o resto da vida fazendo-me essa pergunta.

Portanto, sem jamais poder adivinhar, herdei a propriedade e vim morar na baixada, onde abri um modesto escritório. Ah, sim, nem tudo se concretizou. Ainda hei de me livrar dos benditos processos!

Se foi um período de turbulência? Podem acreditar que sim! Tanto por parte dos policiais quanto dos parentes. Fizeram incontáveis perguntas. Lançaram olhares de suspeita. Resmungaram insinuações. Apontaram-me o dedo. O melhor que fizeram foi chamarem-me de "adEvogado". Como se atreveram? Os primeiros logo arquivaram o caso. Quanto aos segundos, tenho cá comigo que ficaram mais melindrados por não terem ficado com nada. Aliás, meu tio-avô foi bem específico sobre isso no bilhete. Como censurá-lo por ter se afastado de nós? Aliás, que ninguém espere convite na temporada!

Há? O que?

Sobre o que vi?

Devo ou não revelar?

Será que vocês acreditarão?

Ok... Ok... Bem, estava lá. Garanto que estava! Dentro do pote de vidro, sobre a areia macia — e por tudo quanto possam considerar sagrado —, eu vi. Observei uma trilha, pequeninas pegadas, pegadas humanas, seguirem pela areia até se perderem num indefinível horizonte para nunca mais retornar.

EU JUROOO!!!

Sou uma pessoa sensata, racional, pé no chão. Não sou dado a devaneios. Contudo, toda vez que faço a minha caminhada matinal, paro diante do barranco e observo o tronco. Não lhe sou mais indiferente. Agora sinto. Agora tenho um vínculo emocional. Imagino que, em vez de uma árvore estropiada, torta e judiada, em algum lugar a *Terminalia catappa* se afigura alta, frondosa, no auge do vigor. Inúmeros joões-de-barro têm ninhos em seus galhos. E, sob sua sombra magnífica, a sentir a brisa no rosto,

olhar perdido na distância, está o idoso japonês, meu tio-avô, o Sr. Shimatsu. Finalmente feliz, finalmente em seu mundo, finalmente em paz.

Ao menos, é nisso que eu decidi acreditar.

Então, fecho lentamente as pálpebras.

Ouçó Misora Hibari a cantar.

Inspiro a noite e suspiro.

NOTA DO AUTOR:

Houve de fato um estropiado chapéu-de-sol perto do mar, batido pelo vento, na Av. Dr. José Peixe Abade, próximo ao início da Rua Itaguaçaba, em Itanhaém, litoral sul paulista. Sua parca folhagem pendia em direção a terra. Usei uma foto sua na capa do livro "Vozes e Ecos". A arvorezinha ainda estava de pé por volta de 2019, conforme atesta um vídeo no YouTube, intitulado "Itanhaém SP, dirigindo do Bairro Suarão até o centro da cidade"¹. Ela é visível logo aos seis segundos, no canto esquerdo da tela. A avenida se mostra pavimentada há pouco tempo, mas ainda sem a calçada a margear a praia. Em comparação, aos quatorze segundos, vê-se à direita um chapéu-de-sol normalmente desenvolvido. A mercearia da Zezé existe, cuja lembrança quis aqui preservar. Aquele pequeno chapéu-de-sol capturou a minha atenção em diversas ocasiões, pela metáfora explicitada no texto. "Era uma vez um chapéu-de-sol" foi escrito com o intuito de não deixar passar a sua existência em branco. Shimatsu era o nome do pai de meu avô paterno.

Tradução da canção *Ai San San*:

<https://www.letras.mus.br/misora-hibari/859152/traducao.html>

Misora Hibari: <https://www.youtube.com/watch?v=9C4bPBGG87w>

SOBRE ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis*

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=bMuk6ouYhBs>

foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e vinte e uma antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

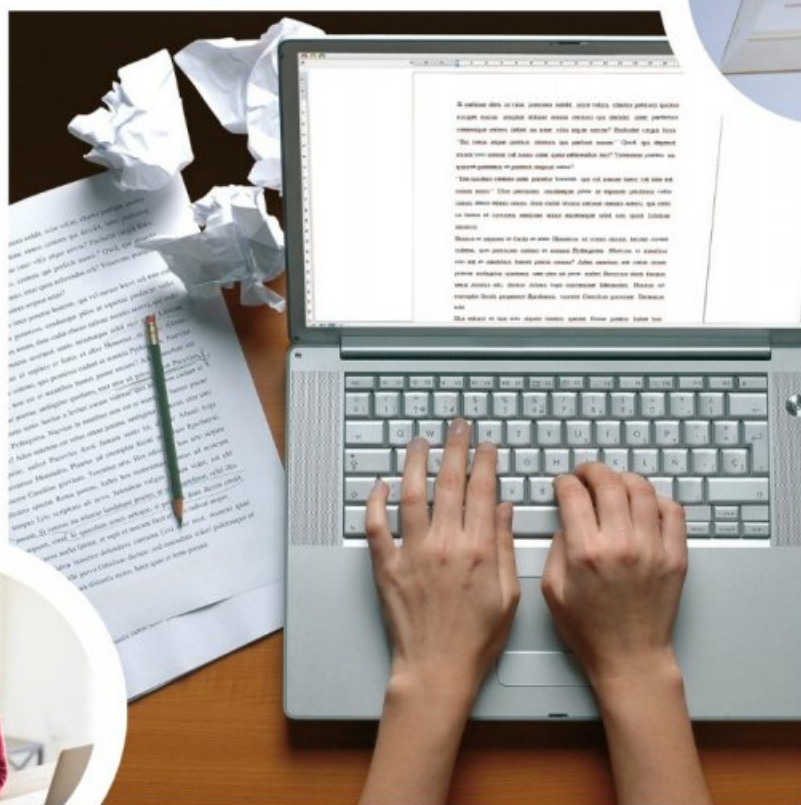


Foto: Roberto Schima

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura

.....

- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



OPHIDIUM

POR VALÉRIA GUERRA REITER

“Em cremes e sérums anti-idade, é utilizada uma versão sintética de um polipeptídeo encontrado no veneno da víbora-do-templo (Tropidolaemus Wagleri). Essa substância (geralmente chamada Syn-Ake) tem um efeito imobilizador dos músculos, similar ao botox, que ajuda a atenuar rugas e linhas de expressão, proporcionando um efeito lifting e regenerador.”

Marta W. Hernández mantinha os olhos fixos na leitura, mas as lágrimas teimavam em rolar sobre seu colo alvo e ornado por um colar de pérolas miúdas. O trem que liga Berlim a Roma pode levar de 15 a 17 horas de viagem. Marta contava com o tempo previsto da trajetória para ler um livro de 400 páginas. Como crítica literária e científica, a moça tinha a noção exata de quais são as reais qualidades canônicas da arte literária: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência.

O choro cessou, a mulher marcou a página 110 com um lençinho de seda. Ela recostou no encosto da cadeira confortável do trem de luxo por dez minutos. O trem estava a meia hora da parada que faria em Munique. A senhorita Hernández abriu os olhos pequenos e viu através da ampla janela: a paisagem exuberante composta de montanhas e lagos. Os vilarejos bucólicos também surgiram ao longo do percurso.

Depois de passado o tempo que Marta estipulou para voltar à leitura, ela foi à toalete; e ao mirar-se no espelho brilhante, percebeu algumas linhas de expressão surgidas em sua testa, seu olhar ficou mais atento, ela abriu sua bolsa e retirou de lá um pote pequeno. Em seguida mergulhou dois dedos na pasta gelatinosa marrom, e salpicou o rosto com o creme. Olhou novamente seu reflexo e notou a mudança imediata. Um rosto liso e belo surgiu à sua frente. A mulher sorriu e seguiu seu destino.

No vagão ocupado por Marta, havia apenas duas pessoas: uma senhora, e um jovem estudante de medicina, que de vez em quando falava ao celular com a família em Roma, ele contava suas aventuras acadêmicas na Alemanha, onde estudava. Por mais que ele fosse comedido na altura da voz, Marta procurava não se desconcentrar da leitura.

Na página 111 o autor começa a discorrer sobre a aparição mágica no deserto de Sonora (no México), que mudou radicalmente sua existência, que até os vinte anos fora letárgica. *Um homem de vinte anos, que ainda não sabia ler, e encantava cobras desde que se entendia por gente: se deparou naquela tarde ensolarada de 1935, enquanto cochilava em cima de uma rocha: com a visão de um sonho, ao escutar um som estranho de redemoinho, e uma voz melodiosa, que indagou - Você gosta delas? O rapazola apavorou-se e ficou de pé, virando as costas para fugir, porém a silhueta de mulher de três metros de altura o buscou com um de seus braços alongados, novamente ecoando sua voz agradável e hipnótica você gosta delas? O homem viu que o outro braço da moça bonita - de cabelos longos e castanhos, com roupas excessivamente coloridas, bufante, e colares de pedras preciosas – continha dezenas de serpentes do local, eram as mesmas espécies, com as quais ele brincava na infância.*

Neste momento da leitura, a senhora de cabelos prateados espirrou dez vezes seguidas, e distraiu a leitora; as damas se entreolharam, pois o lugar ocupado por Gertrudes estava localizado bem próximo ao de Marta, a senhora alemã balbuciou –

alergia chata. Olhando o rosto de Gertrudes, Marta percebeu muitas rugas desnecessárias. Contudo, abaixou a cabeça e continuou a leitura. Ela tinha pressa.

O trem parou em Munique, e os dois passageiros do vagão da senhora Hernández desceram na parada, Marta continuou lendo com avidez, por mais 30 minutos. Os outros trinta minutos da parada ela utilizou para esticar as pernas e respirar. Ela tomou um café, e novamente encontrou o rosto de Gertrudes, que acabava de comprar alguma coisa, em uma loja de conveniência local. Marta reparou novamente nas marcas que enrugavam a epiderme da germânica e sisuda senhora, que não esboçou nenhum sorriso, apenas meneou a cabeça discretamente ao ver a professora de literatura da Universidade de Roma.

- *Pai, foi ótimo descer do trem, a temperatura está amena 19 graus*, está frase saiu da boca de antonino, o universitário de medicina, que utilizava bastante seu telefone celular, e estudava em Berlim, na Universidade Humboldt de Berlim.

Marta voltou ao vagão menos cansada, e retomou a leitura de “*Ophidium*”. O trem iria seguir por mais treze horas, seria o suficiente para terminar a leitura.

Gertrudes foi ao banheiro, por volta de sete horas da noite, passando perto da poltrona ocupada por Marta, percebeu que a mulher cochilava e que seu livro estava caído próximo do corredor, em um arroubo de curiosidade, a senhora resolveu pegar o livro do chão, e assim o fez, quando abaixou para realizar o feito escutou um som de chiado que vinha da bolsa da leitora. A senhora Hernández despertou e levou um susto, e quase gritando disse à passageira alemã *O que foi senhora?*

Gertrudes balbuciou assustada – *apenas queria lhe entregar seu livro que caiu no chão*, Marta quase puxando o livro das mãos da meã agradeceu com um sorriso tímido, não deixando de observar as rugas saltitantes naquele rosto pálido, adornado por cabelos platinados, com tom de tintura elegante. Depois que Gertrudes seguiu para a toalete, Marta franziu o cenho por uns três segundos, e novamente reiniciou o ato de ler.

Antonino, o futuro médico agora dormia, extenuado pelas horas de viagem. Ainda faltava somente 4 horas para a chegada em Roma, Marta lia a página 330: *“Nunca havia revelado a ninguém nestes meus cento e nove anos, como se deu minha ascensão acadêmica, especialmente no que tange ao sobrenatural, como sei que minha idade avança, e não somos eternos, deixo minha autobiografia para fortalecer os anais históricos do tempo; alguns segredos de sucesso nesta jornada de bioquímico industrial e empresário de sucesso, Não pensem meus nobres leitores, que a soberba faz ninho em meu coração: nunca. Sempre fui altruísta, afinal vivi na pobreza, no deserto de Sonora, até meus vinte anos”*.

O trem parou em Chur, na Suíça. Marta marcou o livro com seu lencinho de seda, que tinha uma espécie de logotipo, visto por Antonino, que tinha olhos de lince e percebeu de canto de olho: ser a imagem de uma serpente. Os três passageiros resolveram descer ao mesmo tempo do vagão. Marta foi primeiro, Antonino gentilmente auxiliou Gertrudes na descida, ela agradeceu e sorriu. Marta comprou um chocolate Laderach em uma bomboniere, e quando abriu seu estojo de maquiagem, e se olhou no espelho: ficou aterrorizada: novas rugas haviam surgido em sua face.

A filha de Alejandro Hernández atribuiu o fato à tristeza, então procurou o pote com o creme marrom, e para sua surpresa verificou que o conteúdo acabara. *Meu Deus, ela pensou, o que farei agora? Não posso trair a confiança de papai, não posso chegar ao seu funeral com minha aparência real... Ele me ensinou tudo, a única coisa que ele me escondeu foi a aparição da deusa Manasa, em Sonora, em 1935. Ah, paizinho, tantos louros colhidos, tantos sonhos realizados, e no final você está morto. Preciso agir rápido, só tenho dois compridos, e o creme ophidium: infelizmente acabou.*

Seus pensamentos foram impiedosamente interrompidos por uma voz suave, que havia adentrado o espaço do bathroom, era a senhora Gertrudes, que quis saber *já leu o livro todo madame... – Marta, senhora. – Estou terminando, bondade sua perguntar.* Marta tentava esconder o rosto, ela portava uma bolsa relativamente grande, e branca, feita de couro. Gertrudes, então proferiu *Linda bolsa.* O ambiente estava vazio, antes da entrada da viajante alemã, já que uma outra moça já havia saído, lá só estavam Marta e Gertrudes. A bolsa de Marta caiu no chão, e ela correu para pegar seus pertences escorridos, Gertrudes tentou ajudar, mas logo gritou: *fui picada por algo!!! Ajude-me!!!*

Tomada por pânico Marta saiu dali deixando a mulher agonizando sozinha, se recompôs e voltou ao vagão, como se nada tivesse acontecido. Assentou-se e voltou à sua leitura, com a frieza de um mármore. Antonino estava pálido quando entrou no trem, ele olhou nos olhos de Marta, e perguntou – O trem irá partir em um minuto, a senhorita viu a senhora alemã? Marta levantando a cabeça calmamente respondeu suavemente – *Não.*

Seu rosto reluzia, mui belo e saudável, Antonino apesar da preocupação com Gertrudes, não pode deixar de constatar a beleza da jovem. Ele sentiu uma intensa atração por ela, e piscou um olho. Ela fez o mesmo, porém voltou à leitura. Um dos funcionários do trem adentrou o recinto e questionou – Gertrudes Weber entrou aqui? Os dois viajantes ao mesmo tempo responderam negativamente, porém o futuro médico italiano perguntou – Por quê? O homem então disse que a passagem de Gertrudes era com destino a Roma. Marta permaneceu calada, e Antonino obtemperou *talvez tenha mudado de ideia, e permanecido em Chur.* Ele parecia hipnotizado pela senhora Hernández.

A sorte de Marta foi Gertrudes só ter bagagem de mão, o que deixou o funcionário mais conformado. O trem seguiu viagem, sem transtornos, tudo normal, seriam as quatro horas mais importantes para a filha do doutor Ophidium, restava uma hora e meia para a definitiva parada em Roma. Antonino de novo ao telefone falava com sua mãe, quando o trem sacolejou, jogando seu celular longe, Marta levantou seus olhos do trecho que acabara de ler: *“Quando terminei o curso de bioquímica, aos 25 anos, logo fiz o mestrado, depois o doutorado, e foi exatamente no interregno que nasceu minha doce filha Marta. Mesmo nome da mãe, que conheci na universidade. Uma competente cientista biológica, especializada em ofídios. Naquele momento nasceu a paixão, e o império Ophidium. Deixar as pessoas mais jovens é quase lhes fornecer à imortalidade, e acho que estou cumprindo bem esta missão, assim como a preservação de espécies naturais, minha amada era devota de deusa hindu Manasa”*

Marta ficou em pé no transporte, e Antonino pode ver sua luminosidade em forma de mulher, ela olhou nos olhos azuis do bronzeado postulante a médico, e sussurrou – O que aconteceu? Ele não resistiu e foi até ela, a beijando profundamente. Ela não pensou em mais nada, deixou o livro cair, e se entregou ao ósculo, quando ele

afastou seu rosto do dela, ele viu marcas surgindo em sua tez, ficou perturbado, e se afastou, ela abriu os olhos e correu ao banheiro, precisava mirar-se, e quando olhou; o que viu era terrível, mais uma vez, rugas haviam ressurgido. Não hesitou – Tirou da bolsa uma serpente amarela, e levou-a até o italiano, que cochilava, soltou a cobra sobre ele e o réptil fez seu serviço perfeitamente.

O rapaz ficou inerte, porém, com os olhos abertos fitava seu algoz em ação: ela colheu o sangue do local da picada, depois que entorpeceu a cobra. Misturou o sangue já com veneno e passou em seu rosto e mãos, o resto do corpo, só quando chegasse ao Laboratório do pai, que ficava em sua mansão, na afastada e bucólica Parioli. Marta tratou de guardar tudo, em sua bolsa de couro amarela. Antes de descer em Roma, ela olhou nos olhos belos de Antonino e pronunciou *ficarás bem, tenho 82 anos, não parece, não é? Se me amas mesmo, me entenderá, o veneno não é mortal, avisarei que há um passageiro doente na cabine...agora, preciso ir enterrar meu pai. O mundo deve muito a ele, os artistas, os músicos, os políticos.*

O pátio interno da mansão do renomado cientista Alejandro Hernández estava repleto de carros oficiais, e outros veículos. Ao entrar no saguão principal da mansão Marta observou centenas de coroas de flores. Seu coração estava sangrando, vazio, triturado, ela nem foi à capela da casa, resolveu descer ao laboratório primeiro. Quando entrou no elevador rumo ao subsolo; a única filha de Alejandro, encontrou o mordomo Wallace, que fitou a senhora e questionou – *Senhora Hernández!?* A herdeira da marca Ophidium derramou lágrimas... a última vez que encontrou com seu pai fora há 40 anos.

Chegando ao subsolo, localizado sete andares abaixo do térreo, Marta utilizando a biometria dos olhos abriu a grande porta de chumbo, ela fez uso de tal tecnologia pela primeira vez. No primeiro compartimento, cheio de obras de arte e dois sofás imensos, ela se sentou e continuou a ler o livro, o incidente no trem com Antonino atrapalhou a leitura programada para ser finalizada, ainda durante a viagem, e na página 336 ela leu: “*Quando descobri a fórmula que me daria fama e sucesso não tive muito tempo de comemorar, pois perdi minha esposa tão cara, e aí resolvi deixar a pequena Marta aos cuidados dos avós maternos na Alemanha, eu não poderia cuidar de uma criança, afinal estava no auge dos meus negócios, mas sempre estive perto dela em momentos de folga.*

Ao chegar na página 400 Marta ouviu um sibilo alto que vinha do segundo compartimento do grande laboratório, ela entrou para verificar, de repente a senhora Hernández caiu no chão envidraçado, batendo com o rosto fortemente, e começou a sangrar pelo nariz: ela vê uma figura embaçada imensa de 3 metros, e se arrasta chegando do lado de fora, porém é golpeada novamente por uma grande serpente verde e gigante...

Na capela o corpo do conhecido Doutor Ophidium está sendo velado, ele morrera misteriosamente aos 110 anos, sua aparência no caixão de níquel estava perfeita, lembrando muito o rosto do ator Mel Gibson. O cientista que havia dedicado sua vida a enriquecer e proporcionar plasticidade àqueles que podiam comprar seus produtos de beleza, não conseguiu ser imortal.

O enterro ocorreu na própria mansão, e os mais chegados estranharam a ausência da filha do empresário. Wallace ficou preocupado, conhecia a madame Hernández desde

a juventude, aliás, ela estava com a mesma aparência dos 35 anos, quando a conheceu, ao findar o funeral de seu patrão, o administrador desceu ao subsolo e encontrou o livro de Marta sobre o sofá, marcado na página 400 com um lencinho de seda, o mordomo se sentou e leu *“Escolhi a Itália em função da língua e da importância histórica do país. Marta antes de morrer me pediu para deixar Martinha com a família dela em Berlim, os Weber, que eram doces e inteligentes. Não sei o que aconteceu comigo, acho que a morte de Marta (em tenra idade) me obstinou a achar o elixir da longevidade, e acabei quebrando a promessa que fiz aos 20 anos à minha madrinha: a veneranda deusa hindu Manasa, a rainha das Serpentes”, a situação fugiu ao meu controle quando as cobras sofreram mutação, e tornaram-se imensas e inteligentes, acabei manipulando seus DNA (s) e isso era imperdoável para a deusa, que me apareceu pela segunda vez...”*

Em novembro de 2025, Wallace recebeu na Mansão do doutor Ophidium um casal interessado em comprar a propriedade que permaneceu fechada desde a morte de Alejandro e Marta Weber Hernández acontecida quase simultaneamente em julho do mesmo ano. Wallace que trabalhou para o Dr. Ophidium por mais de cinquenta anos herdou metade dos bens do menino paupérrimo e encantador de cobras do Deserto de Sonora, que virou um marajá. O gerente resolveu vender a mansão e ir embora para Inglaterra, sua terra natal. Uma mulher de estatura mediana, cabelos cacheados e ruivos, olhos azuis profundos e pele alvíssima entra no escritório do ex-mordomo de braços dados com um rapaz alto e musculoso, que tinha um olhar fixo e azul, ele andava com uma bengala, mas parecia bem.

A mulher sorria e até cantarolava, trazia nas mãos um livro intitulado OPHIDIUM, e questionou Wallace a respeito dos fatos pretéritos, e do abrupto final atípico da biografia do bioquímico que revolucionou a estética no mundo. Wallace disse desconhecer os motivos sobre o final inusitado, e sua intenção apenas seria efetuar a venda do imóvel. Acrescentou uma questão à dama, de como ela obteve o livro, ela respondeu comprei na Alemanha, assim que publicaram. Ao ciceronear a dupla pelos cômodos da enorme residência, que incluía piscinas, campo de golfe, quadra de esporte em geral, uma vasta biblioteca, 12 quartos, 14 banheiros, o ex serviçal não mostrou o laboratório aos pretendentes. A compra foi celebrada e o casal resolveu inspecionar melhor o local. Em um dia de novembro desceram por um elevador descoberto pelo médico Antonino, que curioso buscou achar fatos, e realmente encontrou o laboratório.

Gertrudes e seu esposo escutaram sons abafados, como assovios, do outro lado da porta de chumbo, mas não conseguiram entrar, não tinham senha, nem assinatura, nem biometria. Quando voltavam do tour frustrado se depararam - no saguão do térreo - com uma mulher de três metros de altura, cabelos longos, roupa bufante e colorida, muitos adornos, como colares, pulseiras, anéis, ela tinha dois braços, onde trazia cobras, serpentes. A aparição gesticulava e com feições ferozes avisou *“Aqui termina a história de Alejandro, eu avisei a ele para tratá-las bem, que elas dar-lhe-iam sucesso, mas ele ultrapassou a linha e morreu da maneira correta, com o veneno letal de uma cobra manipulada; agora chegou a vez de vocês, ou pensaram que teriam a vida eterna. Marta, a filha dele morreu inocente, apenas escrava da beleza, ela não sabia que havia criado dois monstros como vocês, ela salvou as suas vidas, quando só quis um pouquinho de sangue para produzir seu creme, que havia acabado: mas eu lhes dou a morte.*

As cobras que a deusa Manasa trazia eram mágicas e zumbis e foram na direção dos rejuvenescidos convencidos, que pensavam ser imortais, elas sugaram todo o sangue deles, deixando só os seus ossos. Na manhã seguinte, Wallace que havia sido incumbido por Manasa a voltar ao local encontrou os dois esqueletos sobre o tapete azul, por cima deles havia uma pequena serpente amarela que dormia sobre a costela da senhora Weber.

A serpente de Marta fugiu de sua bolsa branca no dia do velório de seu pai.

Dois anos depois, em 2027, Wallace publicou OPHIDIUM II, contando quem era Gertrudes Weber, prima mais nova de Marta Weber Hernández. Gertrudes estava naquele trem intencionalmente... Wallace continuava cuidando das serpentes gigantes alteradas geneticamente, claro, sob a proteção da deusa Manasa. Wallace tinha planos.



Valéria Guerra Reiter é atriz com registro no SATÉD-RJ. Jornalista, historiadora, bióloga, escritora com algumas premiações, inclusive aqui neste projeto. Várias vezes integrante de antologias na Perse, no projeto APPARERE. E-mail: escritordeluz@hotmail.com

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br



AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2026

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+807 MIL **+291 MIL** **+ 5 MILHÕES DE ACESSOS**

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Divulgue nas edições da nossa
revista, entre em contato:

E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.04.2026



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd